

Clarissa Felipe de Oliveira
José Washington de Moraes Medeiros

CAMINHOS CRUZADOS

A Interseccionalidade no Ensino
Médio Técnico-Integrado

CLARISSA FELIPE DE OLIVEIRA
JOSÉ WASHINGTON DE MORAIS MEDEIROS

Caminhos Cruzados:
A Interseccionalidade no Ensino
Médio Técnico-Integrado

João Pessoa - PB
2025

Lista de quadros

QUADRO 1 - Ficha técnica do produto educacional (PE)	4
QUADRO 2 - Perguntas do jogo “No meu lugar”	27
QUADRO 3 - Avaliação do PE pelos estudantes	39
QUADRO 4 - Avaliação do PE pela professora responsável do componente curricular Arte	42

Lista de figuras

Figura 1 - Exemplo de obra relacionada à interseccionalidade de raça, gênero e classe	19
Figura 2 - Obra “Autorretrato com o cabelo cortado”, de Frida Kahlo (1940)	34
Figura 3 - Atividades mais relevantes para o aprendizado na opinião das/os estudantes	41

Lista de fotos

Foto 1 - Registro do primeiro encontro em sala de aula, no dia 9 de maio de 2025	33
Foto 2 - Registro da aula no ateliê de artes, no dia 30 de maio de 2025	37
Foto 3 - Compilação das produções artísticas das/os estudantes com base no conteúdo do PE e no tema do evento	37
Foto 4 - Registro do momento da fala no evento Maria Fernanda ainda está aqui	38

QUADRO 1: Ficha técnica do produto educacional (PE)

FICHA TÉCNICA

INDEXAÇÃO	DESCRIÇÃO
Título do PE	“Caminhos Cruzados”: A Interseccionalidade no Ensino Médio Técnico-Integrado”
Autoria	Clarissa Felipe de Oliveira Prof. Dr. José Washington de Moraes Medeiros
Origem	Pesquisa de Mestrado
Título da Dissertação	“Ona Odara”: A INTERSECCIONALIDADE NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA”
Instituição	Instituto Federal da Paraíba (IFPB)
Programa de Pós-graduação	Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)
Área Capes	Ensino
Categoria	Acervo produzido
Tipologia	Sequência didática
Idioma	Português
País	Brasil
Cidade	Natal-RN, João Pessoa – PB
Acesso	Irrestrito
Modalidade	Presencial
Disponibilidade	Virtual (Online)
Licenciamento	Creative Commons – Atribuição não comercial 4.0 internacional
URL	http://educapes.capes.gov.br
Área do conhecimento	Artes
Conteúdo transversal	Interseccionalidade, raça, gênero, sexualidade e diversidade
Avaliação	Docentes e discentes do Ensino Médio Técnico-integrado
Validação	Pela banca examinadora
Possibilidades de relações interdisciplinares	Linguagens e suas tecnologias: Arte - artes visuais, dança, música, teatro, literatura, cinema, fotografia, história em quadrinhos (HQ), jogos eletrônicos Ciências Humanas e suas tecnologias: Sociologia, História, Filosofia, Comunicação e Arte.
Público-alvo	Docentes/Discentes
Nível formativo	Ensino Médio
Unidade seriada	1º, 2º, 3º anos

FICHA TÉCNICA

RESUMO

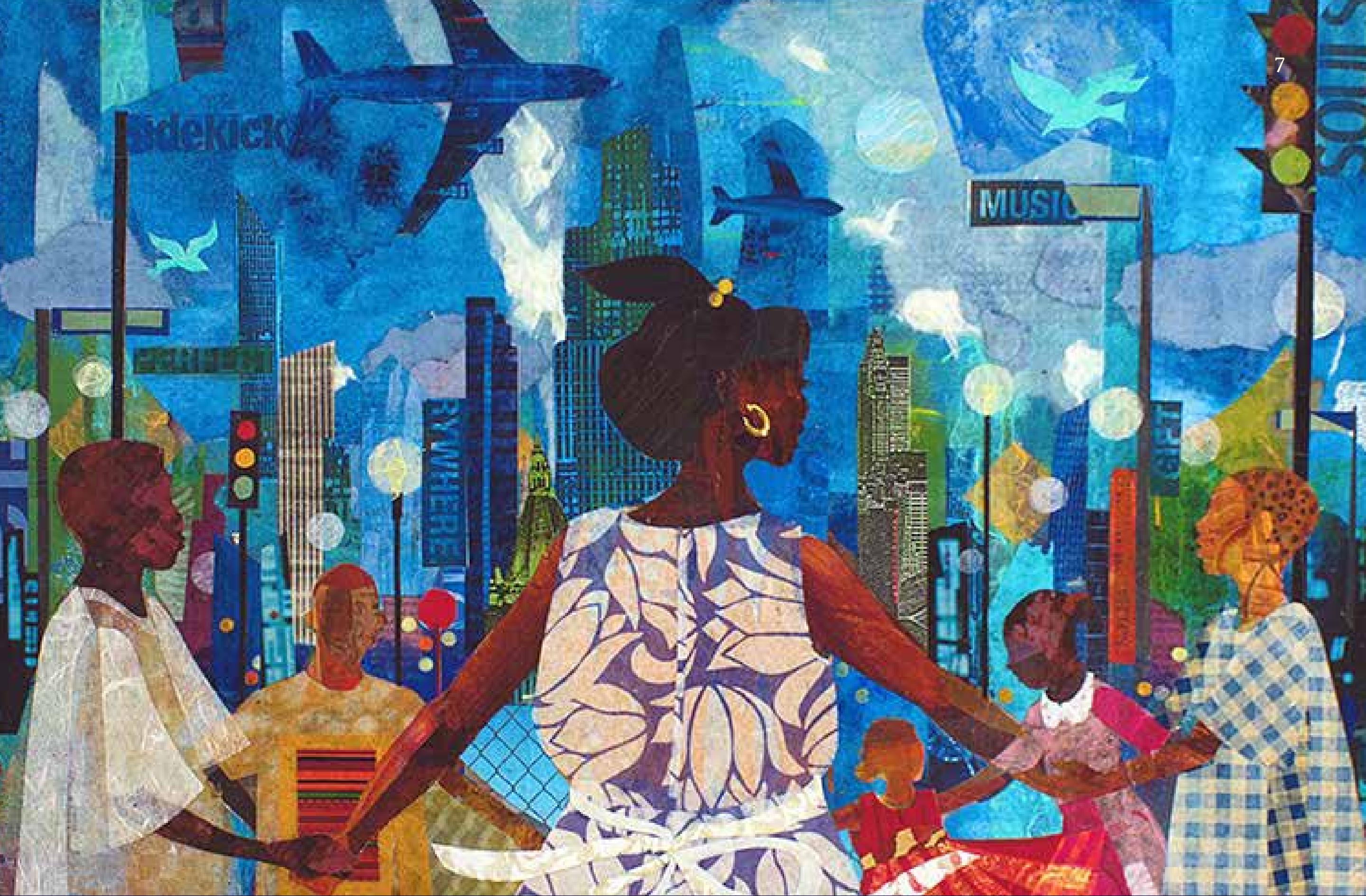
A Sequência Didática (SD) “Caminhos Cruzados: Explorando a interseccionalidade com metodologias ativas” é um Produto Educacional derivado de pesquisa de mestrado no ProfEPT/IFPB e aborda interseccionalidade entre raça, gênero, classe e sexualidade no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Foi pensada para o Ensino Médio Técnico-integrado, utilizando metodologias ativas e conteúdo que valorizam a diversidade e promovem reflexão crítica. A SD baseia-se em experiências de mulheres negras no IFRN, destacando suas lutas e resistências frente à subalternização histórica, e propõe quatro aulas introdutórias que foram aplicadas no componente curricular Arte em uma turma do segundo ano do Ensino Médio Integrado do IFRN. No entanto, as aulas são adaptáveis a diferentes disciplinas enfatizando práticas pedagógicas decoloniais e antiopressoras. O material visa fortalecer o pensamento político-crítico, pautando temas como patriarcado, racismo, LGBT+fobia e desigualdade social. Apoia-se em autoras do Pensamento Feminista Negro, como Patricia Hill Collins (2000) e Lélia Gonzalez (2020). A proposta é fomentar ações educativas comprometidas com justiça social. Busca-se contribuir com a formação integral e emancipadora de educadores/as e estudantes.

Palavras-chave	Interseccionalidade; raça; gênero; classe; sexualidade; metodologias ativas; EPT.
Revisão linguística	-
Criação de peças	-
Projeto gráfico e arte final	José Roberto Pereira Leite Filho Elisa Sampaio Rodrigues

FONTE: Dados da pesquisa (2025).

Sumário

01. APRESENTAÇÃO	7
02. PRÓLOGO	10
03. OBJETIVOS	13
04. PERCURSO ENSINO-APRENDIZAGEM	15
05. O QUE SÃO METODOLOGIAS ATIVAS?	16
06. DISCUTINDO RAÇA E RACISMO	17
07. FAZENDO GÊNERO	19
08. DESFAZENDO O NÓ DA SEXUALIDADE	20
09. O QUE A CLASSE TEM A VER COM ISSO?	21
10. SUGESTÕES DE PLANOS DE AULA	23
10.1 AULA 1	24
10.1.1 Relatos de sala de aula	26
10.2 AULA 2	28
10.2.1 Relatos de sala de aula	30
10.3 AULA 3	31
10.3.1 Relatos de sala de aula	33
10.4 AULA 4	35
10.4.1 Relatos de sala de aula e desdobramentos	37
11. CONCEITOS, VERBETES, SUGESTÕES DE LEITURA & MAIS	43
12. OUTRAS ATIVIDADES POSSÍVEIS	56
13. EPÍLOGO	65
REFERÊNCIAS	67
CRÉDITOS DAS IMAGENS	69



1. Apresentação

Esta Sequência Didática (SD) foi vislumbrada como um Produto Educacional (PE), a partir de uma pesquisa de mestrado que, e trata de relações raciais, de gênero e de classe na sociedade brasileira. Foi pensada, inicialmente, para ser desenvolvida no âmbito do ensino em Arte, relacionada à temática das relações histórico-sociais que repercutem e evoluem no presente através de acontecimentos cotidianos, palco propício para o desenvolvimento de produções artísticas, no cenário do Ensino Médio Técnico-integrado, especificamente, na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Destarte, na perspectiva do planejamento pedagógico docente sobre conteúdo, metodologia, didática e avaliação de ensino sobre o assunto, a SD pode e deve ser replicada, amplificada, reestruturada, conforme for necessário, a fim de que a reflexão e o debate sobre o tema sejam fortalecidos, na mesma proporção em que pautas subalternas, a exemplo de gênero, raça, classe social, sexualidade etc., são perpassadas por impactos políticos e socio-culturais ambivalentes entre conquistas e retrocessos das minorias sociais, marcas dialéticas da realidade planetária na atualidade, com significativas reentrâncias no cotidiano escolar, sobressaltadas pela assunção da extrema direita e sua ideologia tradicional-conservadora, teológico-moral e patriarcal-colonizadora, chamada por Tiburi de (2020, p. 15) de ‘turbotecnoma-chonazifascismo’, isto é, “[...] uma tecnologia ou metodologia do psicopoder.

A ideação da SD deu-se como PE atrelado à Dissertação de Mestrado desenvolvida via pesquisa de campo, no Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Campus João Pessoa. Como se trata de um mestrado profissional enquadrado

pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino

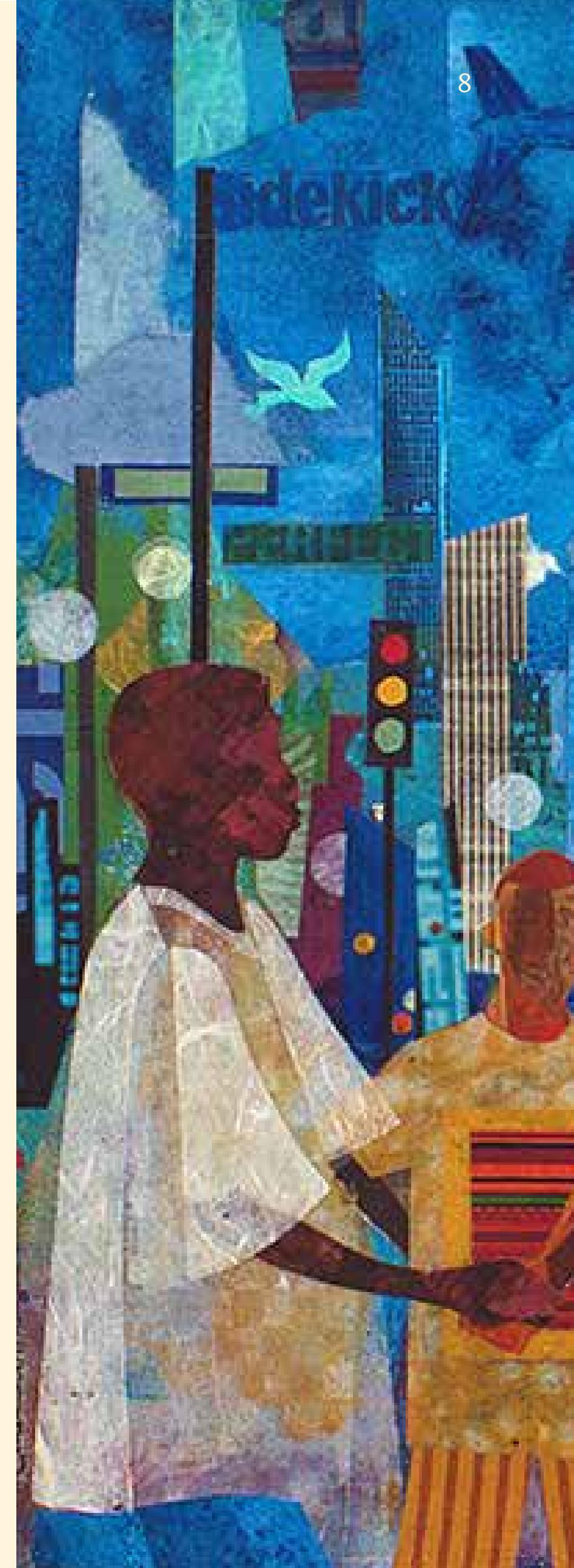
Superior (Capes, 2019) na área de Ensino, há obrigatoriedade de que pesquisas de pós-graduação stricto sensu neste campo desenvolvam e apliquem um produto educacional (PE) subsequente à pesquisa, neste caso, uma sequência didática (SD) sobre interseccionalidade, vivificada no cenário do Ensino Médio Técnico-integrado, adaptável às disciplinas do currículo a partir da abordagem e das atividades propostas.

A pesquisa intitulada “Ona Odara: a interseccionalidade na trajetória acadêmica e profissional de mulheres negras na Educação Profissional e Tecnológica” foi orientada pelo Prof. Dr. José Washington de Moraes Medeiros, tendo como lócus empírico o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Natal – Centro Histórico. A investigação focou em mulheres autodeclaradas negras, protagonistas de três categorias de sujeitos femininos presentes na instituição: docentes, discentes e servidoras técnico-administrativas.

Nesta correspondência, buscamos ressaltar as sutilezas presentes nas diversas identidades, capacidades, necessidades e anseios das mulheres negras na instituição, que existem e resistem ao longo de séculos de subalternização histórica, com repercussões socioculturais e político-econômicas avassaladoras no legado de raça, gênero e classe social, no Brasil. Nesse ínterim, acreditamos que o destaque interseccional às vivências de mulheres negras no IFRN torna-se emblemático quando ressoa nos rumos de sociedade justa e igualitária, numa perspectiva decolonial.

A SD Caminhos Cruzados: Explorando a Interseccionalidade com Metodologias Ativas, condensa as aspirações anteriormente mencionadas, no sentido de trazer à tona as complexas interrelações entre raça, classe e gênero na conjuntura social brasileira à luz de suas representações cotidianas expostas em dados de pesquisas demográficas e sócio-econômicas e em relatos de pessoas comuns. Tais contribuições são ferramentas didáticas para evidenciar as dores do passado-presente, e encorajar o espírito de luta e afeto pelo que se é. Dessa forma, os conteúdos aqui socializados podem ser pulverizados e/ou transversalizados no contexto do currículo escolar na EPT, em suas múltiplas vertentes, seja no núcleo estruturante, no núcleo tecnológico e/ou no núcleo profissionalizante, reverberando dimensões político-pedagógicas alinhadas à práxis educativa diante da utopia da formação integral e humana – omnilateral.

Desta feita, no afã por uma formação omnilateral, pensamos o conteúdo desta SD como uma forma de semear parâmetros didáticos pedagógicos atinentes à consciência político-social sobre patriarcado e negritude, promovendo conteúdos relevantes para a compreensão dos entroncamentos de opressões que permeiam raça e gênero, inicialmente. A partir disso, fomentar a reflexão o debate sobre a interação de outros marcadores sociais na vida cotidiana como, por exemplo, classe social,



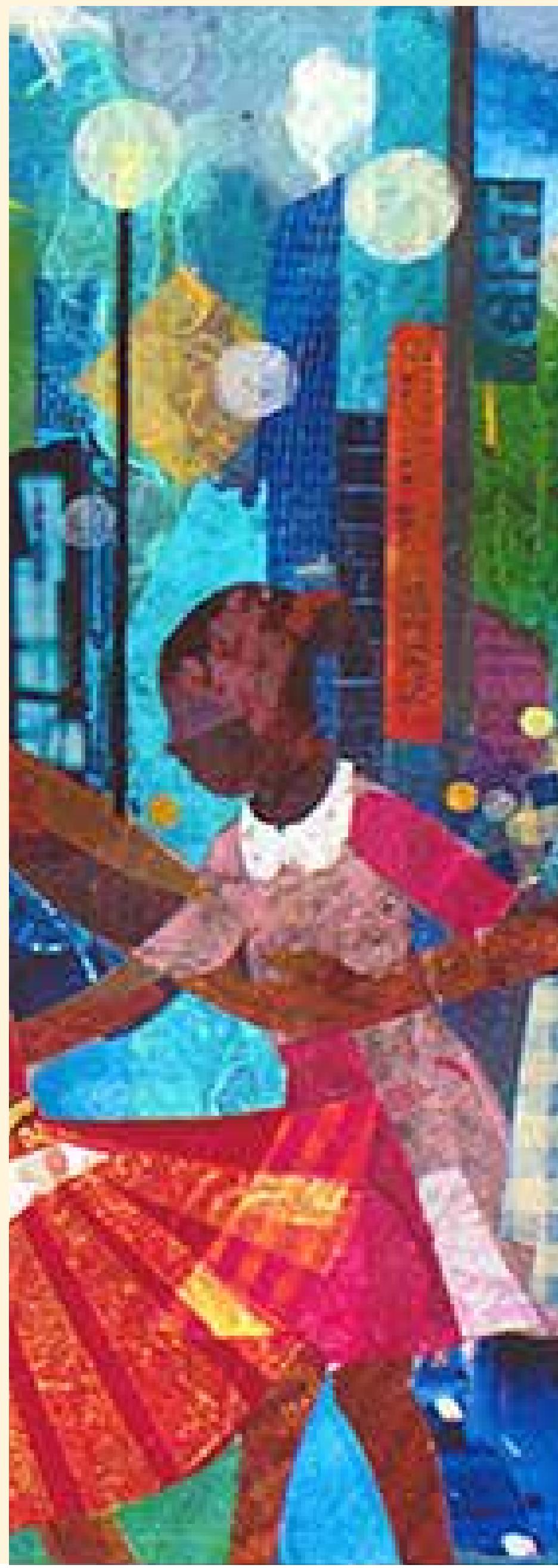
sexualidade, etarismo, deficiências, origens geográficas, dentre outras articulações interseccionais que incidem na subalternização de minorias sociais.

Mediante isso, como marco de coerência entre a pesquisa no campo empírico e esta SD, buscamos trazer as bases das relações interseccionais de raça e gênero para que a ampliação das competências e habilidades correlatas ao respeito às diferenças e à valorização da diversidade, da liberdade e do pensamento crítico possam ser constituídas sobre assentamentos sólidos, na busca de avolumar as contribuições para o que Collins (2018, p. 52) chama de “[...] processo de luta autoconsciente em favor das mu-lheres negras”. Da mesma forma, apresentamos nas su-gestões de leitura complementar obras de mulheres que se destacaram na construção coletiva do que academicamente conhecemos como Pensamento Feminista Negro, e para as lutas Feministas Afrolatinoamericanas e Brasileira como, por exemplo, Patricia Hill Collins (2000), Julieta Paredes (2010), Luiza Bairros (2016) e Lélia Gonzales (2020), dentre outras intelectuais e militantes da causa.

Em razão de tudo isso, o intuito principal desta SD, no entanto, é o de que seus conteúdos sejam percebidos e aplicados no cotidiano do ensino nas escolas e salas de aula, frutificando e/ou fortalecendo inspirações didático-pedagógicas para educadores/as que, como sujeitos históricos, se vejam compelidos/as a pautar transversalmente em suas aulas lampejos feministas ou antiopressores, no sentido de fomentar o pensamento político-crítico para além dos padrões eurocêntricos (colonialistas), androcêntricos (patriarcalistas) e produtivistas (capitalistas) que, historicamente, tanto tem dominado a educação, o ensino e a formação profissionalizante, no Brasil.

Quanto à estrutura, esta SD tem a proposta de atuar como uma unidade introdutória sobre a temática das relações de raça, gênero e classe no Brasil, vislumbrando o despertar ou o desenvolvimento de uma perspectiva analítica interseccional no público alvo. Desta forma, divide-se em 4 aulas de 50 minutos de duração cada - um tempo curto para cruzar os complexos campos do conhecimento aos quais este material se dedica, mas que pode ser ampliado conforme a disposição e disponibilidade dos/as educadores/as que o tomem como guia.

Em suma, o conteúdo de ensino aqui sistematizado não se propõe a oferecer soluções rápidas ou mágicas para o alívio ou a pronta resolução das opressões estruturais que permeiam a realidade de grupos histórica e politicamente minoritários, como as mulheres negras. No entanto, como horizonte possível, permite-se sonhar em evocar pensamentos que nos levem a práticas que prevejam a liberdade, a autonomia e o bem viver dessas minorias políticas no Brasil que almejamos (re)definir.



2. Prólogo



Esta SD pode ser vista como um pequeno manual através do qual trataremos sobre raça, gênero e classe na sociedade brasileira, utilizando dados da realidade vivida pela população negra do país. Para tanto, utilizamos como fontes as pesquisas demográficas pertinentes e mais atuais, além de matérias de jornais recentes sobre as condições de vida das pessoas negras no país. Infelizmente, conteúdos que retratam a desigualdade social estabelecida pela ideologia racista, machista, LGBTQIAPN+fóbica, capacitista, dentre outros sistemas e ideias excludentes da diversidade, são fáceis de encontrar em uma busca rápida na internet. Desse modo, os materiais utilizados como recurso didático podem variar de acordo com os acontecimentos mais relevantes do momento.

Recomendamos a utilização de vídeos curtos como recurso didático para provocar debates que possam ampliar perspectivas sobre os aspectos interseccionais da vida cotidiana de pessoas negras possuidoras de identidades complexas e diversas. Como plano de fundo, convém utilizar materiais artísticos que retratam essa miríade de possibilidades de negritude, preferencialmente produzidas por artistas negres a fim de evidenciar as nuances que nos humanizam, presentes na sensibilidade desses artistas, cujos registos são inegavelmente vinculados ao tempo sócio-histórico em que foram compostas e ao ponto de vista da/o artista.

Sabemos que não é nova a ideia de utilizar de fatos atuais como recurso didático para ampliar o diálogo e direcionar o debate para os assuntos contidos no plano de aula. No entanto, também compreendemos que a utilização de recursos e tecnologias que aproximem as/os estudantes dos fenômenos complexos que pretendemos discutir ao longo desta SD, tornando o processo de aprendizado, que é individual, adaptável às diferentes condições subjetivas das/os estudantes.

O caminho que propomos aqui é o de a cada encontro fomentar a capacidade de percepção, observação e reflexão crítica acerca da conjuntura sócio-histórica refletida nas condições de vida da maior parcela da população brasileira: a população negra. Caminho este que tem a possibilidade de encorajar as/os estudantes a visualizarem futuros possíveis livres de estereótipos limitantes sobre negritude, gênero, sexualidade, classe social etc. Subvertendo o



comum do imaginário popular que resume ao sofrimento os grupos historicamente subalternizados.

Importa dizer que a motivação para a composição desta Sequência Didática surgiu em uma das entrevistas proveniente da pesquisa de mestrado relacionada a esta SD, na qual a entrevistada me revelou não ter contato ou conhecimento sobre obras de artistas negros na maior parte dos componentes curriculares de seu curso, dessa forma, conforme relatou a entrevistada, os exemplos trabalhados em sala de aula, recorriam à produções pouco relacionadas com sua trajetória. Sendo esse o caso, nos resta a incumbência de contribuir para a elevação do pensamento crítico que nos trazem a essa realidade de reiterados apagamentos e silenciamentos impostos aos grupos politicamente minorizados, inclusive no que tange a contribuição intelectual e artística advindas das pessoas que compõem tais grupos.

A escolha de cada educadora e educador sobre a maneira, as ferramentas, os recursos, os pontos de vista a partir dos quais conduzirá os temas propostos nesta SD é, por óbvio, de cada uma e cada um - afinal, nossos pés somente nos guiam pelo caminho que nossa cabeça escolhe. De toda maneira, deixamos aqui as sugestões que fazem sentido para o momento, esperando ver as metamorfoses inspiradas em nossas propostas.

Agradecemos pelo empenho de sempre de cada uma e cada um que se permitir trilhar esse caminho e desejamos um bom trajeto, cheio de surpresas e novas perspectivas.

Ómí tútú

Onà tútú

Ilé tútú¹

1

Expressão em iorubá que pede que a água (ómí) proteja, purifique e acalme nosso caminho e nossa casa, seja ela nosso lar físico ou nosso lar interior.



3. Objetivo Geral

Fomentar saberes sobre interseccionalidade, à luz das relações entre raça, classe, gênero e sexualidade no Ensino Médio Integrado.



Objetivos Específicos

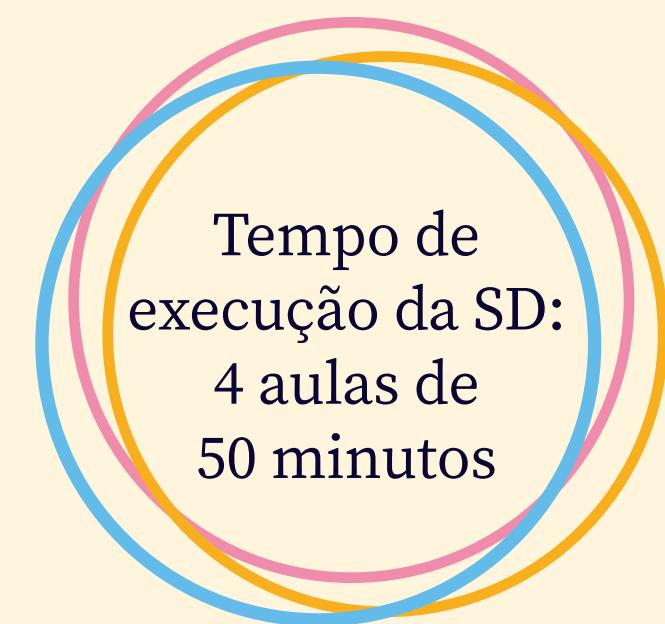
Socializar bases para o entendimento das relações raciais e de gênero no Brasil.

Estabelecer conexões das bases relacionais interseccionadas com aspectos cotidianos atuais das minorias sócio-políticas.

Dialogar sobre a luta política dos grupos minorizados em função da raça, do gênero, da classe e da sexualidade.

Contribuir para a formação humana integral (omnilateral) dos estudantes nos aspectos relacionados ao antirracismo e à equidade de gênero.

4. Percurso de Ensino-Aprendizagem



4. ATITUDINAIS

Estímulo à ações que visem à inclusão e ao protagonismo de grupos socialmente subalternizados

Apresentação dos materiais produzidos

Legenda:

TIPOLOGIA DE CONTEÚDO

TEMA

ATIVIDADE

1. FACTUAIS

Marcadores sociais da diferença e suas combinações interseccionais que conectam as identidades.

3.

PROCEDIMENTAIS

Refletir e debater sobre concepções prévias de raça e gênero em face das informações apresentadas

Produção de conteúdo (material gráfico, desenho/pintura, planejamento de evento, conteúdo para redes sociais) vinculado à visibilidade e/ou à inclusão de minoria(s) política(s) na sociedade, na cultura e na arte (atividade em grupo)

2.

CONCEITUAIS

Marcadores Sociais

Relações raciais no Brasil

Construções de gênero e sexualidade

Interseccionalidade

Leitura, discussão e produção textual a partir de:

“A juventude negra brasileira e a questão do desemprego” GONZALEZ, Lélia (1979). Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gonzalez/1979/04/28.pdf>

Materiais e recursos necessários:

- Projetor, computador, caixas de som, vídeos, textos, softwares de reprodução de vídeo e imagens, materiais de desenho e pintura conforme a disponibilidade.

Competências/Saber:

- Estimular o pensamento crítico dos estudantes acerca das relações interseccionadas de raça/etnia, de gênero, de sexualidade etc.

Habilidades/Fazer:

- Relacionar a leitura crítica da sociedade e a expressão criativa do pensamento através de textos, produções artísticas e outros materiais.

5. O que são Metodologias Ativas?

Metodologias ativas são estratégias de ensino-aprendizagem protagonizadas pelas/os estudantes, que passam a construir os conhecimentos a partir de sua bagagem empírica, sensorial e teórica mediante as contribuições da/o educadora ou educador. Nessa proposta de abordagem, a/o professora/professor são, inicialmente, os propositores das discussões, passando a agir no decorrer das aulas como facilitadores para a compreensão de conceitos e formação de análises e conclusões.

As metodologias ativas de ensino-aprendizagem têm ganhado cada vez mais espaço nas práticas pedagógicas contemporâneas, pois alinham-se à ideia de que a/o estudante estudante deve ser sujeito ativo do seu próprio processo formativo, superando a educação bancária — aquela em que o aluno é apenas um receptor passivo de conteúdos. Para Freire (2003), aprender é um ato de liberdade e consciência crítica, e a escola deve promover uma educação dialógica, contextualizada e transformadora, reforçando a importância da autonomia e da construção do conhecimento a partir da realidade do estudante.

Moran (2018) destaca o papel da tecnologia e da mediação crítica no ensino, enquanto Perrenoud (2000) defende a importância das competências e da resolução de problemas reais como forma de tornar o conhecimento significativo. Nesse sentido, as metodologias ativas, como sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas (PBL), rotação por estações e ensino híbrido, contribuem diretamente para uma educação mais engajada e conectada ao cotidiano das/os estudantes, ou seja, à sua vivência concreta no tempo e no espaço.

Utilizar fatos atuais — como questões socioambientais, avanços tecnológicos e dilemas éticos — aproxima o conteúdo da vida das/os adolescentes, despertando o interesse e promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico. Ao considerar o contexto social e histórico das/os estudantes, as metodologias ativas não apenas podem favorecer a aprendizagem e potencializar a formação de sujeitos conscientes e participativos, dado que o/a educador/a dialogue diretamente com o estudante, abrindo espaço para sua participação ativa e lidando com temáticas atuais e dinâmicas. Dessa forma, a escola cumpre seu papel social de transformar realidades por meio do conhecimento.



6. Discutindo Raça e Racismo

Discutir raça e racismo no contexto escolar é uma necessidade urgente e uma responsabilidade social. Ao adotar metodologias ativas como eixo do processo de ensino-aprendizagem, a escola pode tornar esses debates mais significativos, críticos e transformadores. Inspiradas na pedagogia freiriana, essas metodologias partem da realidade dos estudantes, promovendo um diálogo que considera suas vivências, identidades e contextos históricos. Afinal, é preciso ensinar a partir da leitura crítica do mundo (Freire, 2003), o que inclui, necessariamente, as questões raciais que estruturam a sociedade brasileira.

Assim, destacamos a importância de reconhecer as experiências da população negra como parte do saber legítimo e da construção de uma consciência coletiva. Da mesma forma, enfatizamos a urgência de enfrentar o racismo institucional, propondo práticas educativas que revelem desigualdades estruturais e favoreçam a ação antirracista. Metodologias ativas como projetos interdisciplinares, rodas de conversa, estudos de caso e aprendizagem baseada em problemas (PBL) criam espaços seguros para que os estudantes reflitam criticamente sobre essas questões, desenvolvendo empatia, pensamento crítico e protagonismo.

Na prática, professores podem propor atividades como a análise de letras de músicas que falem sobre as vivências atravessadas pela negritude, produção de podcasts sobre lideranças negras locais, construção de mapas históricos sobre a diáspora africana ou a investigação de dados sobre desigualdades raciais. Com isso, o conteúdo se aproxima da vivência dos adolescentes e promove uma aprendizagem significativa, comprometida com a equidade racial. Assim, a escola torna-se um espaço de enfrentamento ao racismo e de formação cidadã.

Figura 1 – Exemplo de obra relacionada à interseccionalidade de raça, gênero e classe.



Fonte: PAULINO, Rosana. Assentamento nº 4, 2012.

Assim, destacamos a importância de reconhecer as experiências da população negra como parte do saber legítimo e da construção de uma consciência coletiva.



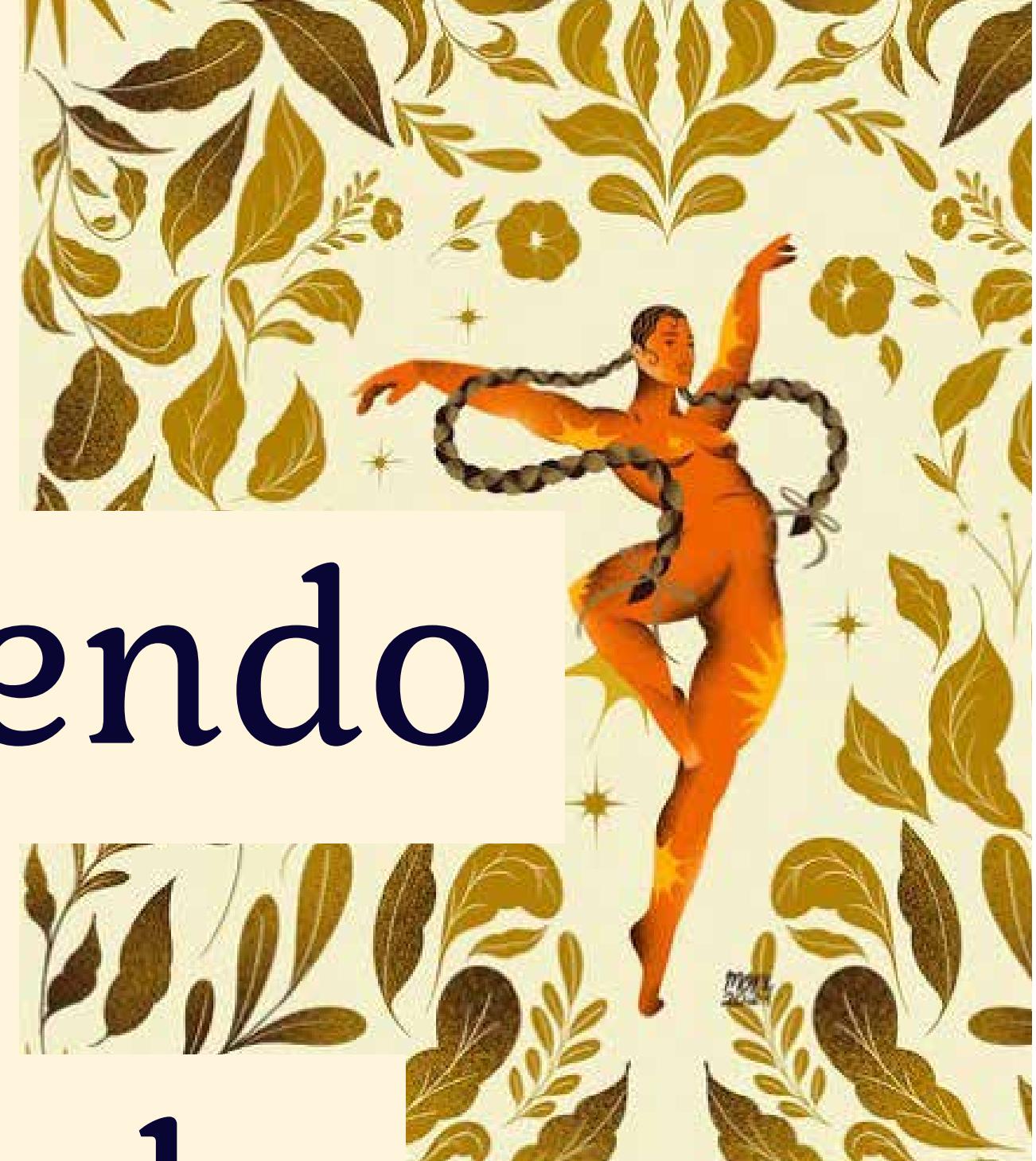
7. Fazendo Gênero

A discussão sobre gênero na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) exige uma abordagem crítica que reconheça o caráter construído das identidades de gênero, considerando também as interseccionalidades de raça, classe e sexualidade. Compreender que gênero é uma construção social e histórica — e não uma expressão natural ou fixa — é essencial para pensar o papel da escola como espaço de transformação. Os conteúdos aqui apresentados podem ser integrados ao currículo escolar na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), reverberando dimensões político-pedagógicas alinhadas à formação integral e humana, que articule trabalho, ciência, cultura e tecnologia, amplia a compreensão dos sujeitos como seres integrais, cuja formação crítica é inseparável das dimensões sociais que os constituem.

Nesse contexto, metodologias ativas como rodas de conversa, estudos de caso, análise de filmes e projetos interdisciplinares permitem que estudantes reflitam sobre suas vivências e se reconheçam como sujeitos sociais. Trabalhar este tema por meio de projetos integradores, por exemplo, pode fomentar o pensamento crítico e a empatia, ao mesmo tempo em que evidencia as desigualdades estruturais que atravessam o mundo do trabalho e a formação profissional. Nesse diapasão, a interseccionalidade é ferramenta fundamental para entender a sobreposição de opressões e seus impactos ao acesso a direitos e oportunidades.

Mais do que um conteúdo isolado, o debate de gênero deve atravessar o currículo, contribuindo para formar cidadãos conscientes e atuantes. Assim, ensinar gênero na EPT é também um ato político de resistência, que reivindica uma educação comprometida com a equidade e com a justiça social.

8. Desfazendo o nó da Sexualidade

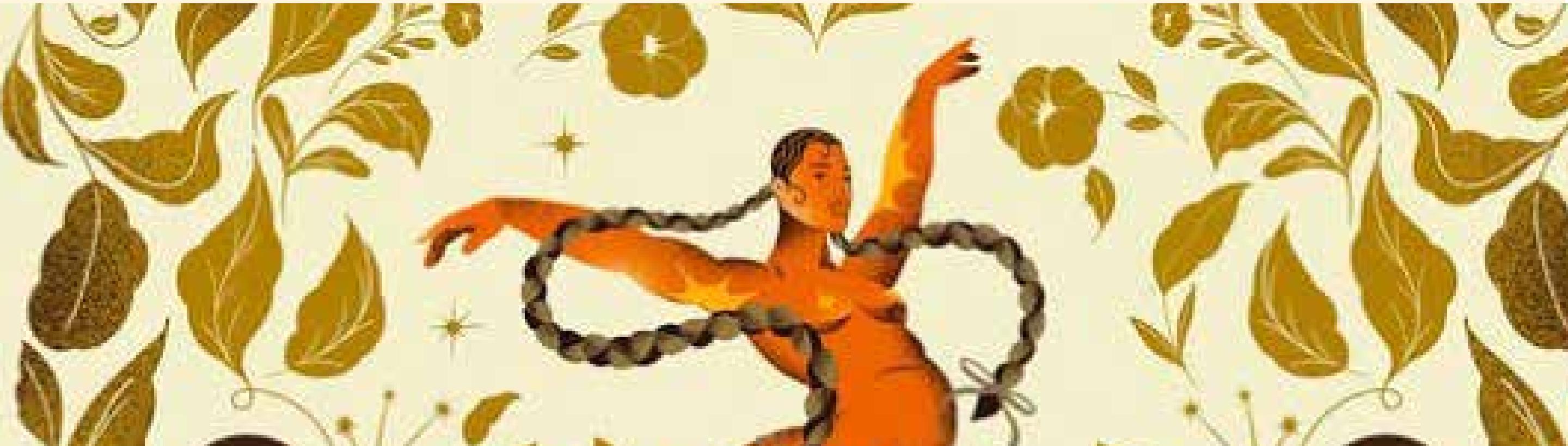


Falar sobre sexualidade com adolescentes na escola ainda é um desafio, mas também uma oportunidade poderosa de formação integral. A sexualidade, entendida em sua complexidade — envolvendo afetos, identidades, corpos e direitos — deve ser abordada de forma crítica e respeitosa. Consonantes a estes propósitos, as metodologias ativas são aliadas potentes para esse tipo de diálogo, pois incentivam a escuta, a reflexão e a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem.

Discutir sexualidade vai além de biologia ou prevenção: trata-se de abordar temas como consentimento, diversidade sexual e de gênero, autoestima e relações interpessoais. Usando técnicas como rodas de conversa, dramatizações, análise de vídeos e situações-problema, é possível criar um ambiente acolhedor e ético para que os adolescentes expressem dúvidas, compartilhem experiências e desenvolvam pensamento crítico, desconstruindo normatividades e abrindo frestas para arejar o espaço com as múltiplas existências e narrativas.

Os professores podem propor, por exemplo, a criação de campanhas educativas contra a LGBTfobia, debates baseados em filmes e séries atuais, análise de notícias sobre direitos sexuais ou simulações de assembleias escolares sobre temas como respeito e diversidade. Esse tipo de abordagem torna o aprendizado mais vivo e conectado ao cotidiano dos jovens, respeitando suas trajetórias e ampliando seus horizontes.

Ao desfazer os nós da sexualidade — marcados muitas vezes por tabus e preconceitos binários, preconizando uma relação entre opostos — a escola assume seu papel de agente formador, não apenas de conhecimento, mas de valores e vínculos saudáveis. As metodologias ativas, nesse contexto, são ferramentas de escuta, inclusão e emancipação.





9. O que a Classe tem a ver com isso?

Refletir sobre classe social no ambiente escolar é tão urgente quanto discutir raça, gênero e sexualidade. Essas dimensões não estão isoladas — elas se entrelaçam, moldando profundamente as oportunidades e experiências educacionais dos adolescentes. Para professores do ensino médio, especialmente no contexto do ensino profissional e tecnológico, compreender essas relações é essencial para promover uma educação crítica e transformadora.

Historicamente, o ensino técnico no Brasil foi pensado como um caminho de formação da classe trabalhadora, oferecendo qualificação para inserção no mercado de trabalho. Embora esse modelo tenha garantido acesso à educação para muitos jovens, ele também carrega marcas de desigualdade estrutural: alunos pobres, negros e periféricos são maioria nesse segmento, muitas vezes vistos como “braços” e não como mentes pensantes. Em oposição a essa noção de hierarquização do trabalho manual/técnico e trabalho intelectual, sugerimos que o tema seja trabalhado de maneira a romper com práticas excludentes e criar espaços nos quais estudante é protagonista do próprio aprendizado.

Nesta toada, torna-se fundamental o uso de metodologias que valorizem o conhecimento prévio das/os estudantes, sua cultura e sua realidade social. Ao propor projetos, atividades voltadas para a resolução de problemas, debates e uso de situações concretas, os professores ajudam os jovens a perceberem como a classe social impacta o acesso a direitos, consumo, mobilidade, saúde e até o currículo escolar, ratificando que a luta por equidade não pode ignorar as intersecções entre raça, gênero e classe.

Discutir o que significa ser pobre, de classe média ou rico no Brasil permite que os estudantes analisem as vantagens e desvantagens desses lugares sociais: quem estuda em escola pública ou privada? Quem precisa

trabalhar cedo? Quem tem acesso à internet de qualidade? Quem pode pagar por um cursinho ou intercâmbio? Trazer esses questionamentos para a sala, por meio de metodologias ativas, como estudo de casos reais, simulações de orçamento familiar, análise de reportagens ou criação de mapas da desigualdade, torna o aprendizado mais próximo da vida e mais politizado.

Ao fazer da escola um espaço onde essas discussões acontecem de forma crítica, os professores não apenas ensinam conteúdos — formam sujeitos conscientes, capazes de compreender sua posição na estrutura social e, sobretudo, transformá-la.

Discutir o que significa ser pobre, de classe média ou rico no Brasil permite que os estudantes analisem as vantagens e desvantagens desses lugares sociais



10. Sugestões de Planos de Aula

Esses planos de aula propõem um olhar crítico e interativo sobre as questões sociais de gênero, raça, classe e sexualidade, incentivando os alunos a refletirem sobre as desigualdades estruturais e a desenvolverem soluções para um mundo mais justo e igualitário.

Sentidos na pele:

Marcadores sociais da diferença e as dinâmicas de poder na sociedade brasileira

1. IDENTIFICAÇÃO

Professora: Clarissa Felipe

Curso: Técnico Integrado em Lazer (2º ano)

Componente curricular: Arte

Duração da aula: 50 min (presencial)

Resumo da Aula: Este primeiro momento visa diagnosticar os conhecimentos prévios das/os estudantes acerca da concepção das identidades sociais a partir da combinação de marcadores sociais da diferença (interseccionalidade). Para iniciar esse diálogo, utilizaremos como recurso didático um vídeo ou uma notícia recente que coloque em debate a discriminação racial. A partir da contribuição dos/as estudantes, obteremos uma primeira avaliação diagnóstica, que servirá como base para o refinamento dos conteúdos previstos para esta aula, bem como para os encontros seguintes. O debate pode ser direcionado para a reflexão sobre o acúmulo de desvantagens/consequências atribuídas aos indivíduos com identidades contra-hegemônicas (negras/os, mulheres, população LGBTQIAPN+, dentre muitas outras) no contexto da atual hierarquia social e a aula será encerrada com a aplicação do jogo “No meu lugar”.

2. PLANO

COMPETÊNCIAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	RECURSOS
	HABILIDADES		
	<p>Refletir sobre os marcadores sociais da diferença e como eles se conectam nas identidades</p> <p>Compreender as implicações da interação entre os marcadores sociais nas experiências de vida individuais e coletivas</p> <p>Distinguir a relação entre os marcadores sociais da diferença e a subalternização de grupos politicamente minoritários</p>	<p>Definição de marcadores sociais da diferença</p> <p>O conceito de raça e classe social como categorias de análise</p> <p>Relação entre desigualdade racial e desigualdade de classe social</p> <p>Análise histórica do Brasil: colonialismo, escravidão e os legados das políticas públicas</p>	<p>Computador conectado à internet</p> <p>Projetor e caixas de som</p> <p>Leitor de PDF para executar o slide da aula e a atividade proposta</p> <p>Celulares/tablets</p> <p>Papéis e canetas</p> <p>Texto impresso: “A juventude negra brasileira e a questão do desemprego”, de Lélia Gonzalez (2020)</p>

3. PROCEDIMENTOS/METODOLOGIA

INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	CONCLUSÃO
<p>Exposição teórica e dialogada sobre marcadores sociais da diferença, focando na raça e na classe social</p> <p>Apresentação do conceito de desigualdade racial e social com base em dados da realidade e, caso seja pertinente, abordar os aspectos sociológicos de capital social e capital cultural</p>	<p>Metodologia Ativa (20 minutos):</p> <p>Jogo “No meu lugar”</p> <p>Após o jogo:</p> <p>Organize uma roda de conversa sobre como os marcadores sociais da diferença afetam a vida cotidiana dos alunos. O debate pode contemplar o acesso à educação, mundo do trabalho e direitos</p> <p>Agregue à discussão a mudança de sistema econômico e de trabalho, no final do século XIX e início do século XX, que culminou no fim da escravatura e no abandono da população negra pelo Estado</p> <p>Iniciar ou indicar para casa a leitura do texto de Lélia González (1979), como referência para a produção de texto (de um a três parágrafos) sobre os aspectos que acharam mais relevantes sobre o texto e por que (atividade em dupla). Os textos devem ser apresentados e debatidos na aula seguinte</p>	<p>A aula será concluída com um breve resumo dos principais tópicos abordados</p>

4. AVALIAÇÃO

- A avaliação será realizada de forma continuada, a partir da participação ao longo da aula expositiva, bem como na atividade interativa.
- Também será avaliado, de forma processual e sistemática, a elaboração de uma produção em duplas. Essa atividade pode ser realizada ao longo da semana, e retomada para finalização e entrega nas próximas aulas.

5. INDICAÇÃO DE LEITURA

- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

6. RELATOS DE SALA DE AULA

As duas primeiras aulas foram realizadas no dia 9 de maio de 2025. Poucas/os estudantes estavam presentes, cerca de 10 alunos apenas, em função do grande volume de chuva e das dificuldades de acessar o campus nesse cenário de alagamentos no perímetro urbano e escassez de transporte público. Na sala também estava presente a professora do componente curricular, que acompanhou as aulas, atividades e contribuiu com suas perspectivas sobre os temas.

Conforme o planejamento, iniciamos a primeira aula com a exibição de um vídeo curto publicado nas redes sociais, no qual uma jovem mulher negra relatava a abordagem que sofreu em uma loja de departamentos, provocada pela denúncia de uma outra cliente que a viu mexendo na própria bolsa e alertou o segurança do estabelecimento sobre a ocorrência de um furto, indicando a jovem como autora do delito. A jovem foi submetida a uma abordagem constrangedora e violadora, na qual o segurança solicitou que ela abrisse sua bolsa, não havendo indícios do furto, a jovem seguiu seu caminho para a faculdade. A partir desse vídeo, pedimos aos estudantes que falassem sobre suas perspectivas diante do conteúdo. Essa primeira contribuição serviu como ponto de partida para o desenrolar da aula sobre raça e relações de poder, a partir dos conhecimentos prévios expostos pelos estudantes.

Apesar das poucas pessoas presentes, conseguimos ter um diálogo proveitoso sobre o conteúdo do vídeo e as vivências das/os estudantes, que trouxeram exemplos de casos em que eles próprios se sentiram discriminados em função de suas características fenotípicas, sexualidade, vestimentas etc.

Em seguida, com a contribuição das/os estudantes, traçamos paralelos acerca da construção da raça na sociedade brasileira e seus significados e consequências na atualidade. Na oportunidade, foram apresentados os conceitos de marcadores sociais da diferença; de raça e classe social e racismo estrutural; e a relação desses com as desigualdades sociais presentes no país.

Em seguida, propusemos uma atividade chamada “No meu lugar”, que visava a identificação de privilégios sociais no cotidiano como mais um ponto de debate sobre privilégios e desvantagens vividos em função dos marcadores sociais da diferença. A atividade não tinha intuito de ter seus resultados compartilhados, para não expor aspectos íntimos e, por vezes, sensíveis da existência dos estudantes, de maneira que cada um pode identificar suas respostas individualmente usando uma cartela de adesivos com três cores, onde o verde significava “sim”, o vermelho significava “não”, e o azul significava “às vezes”, respostas que deveriam ser dadas diante das afirmações apresentadas no Quadro 2, abaixo:

QUADRO 2: Perguntas do jogo “No meu lugar”

DIMENSÕES	PERGUNTAS
Escola	Sempre tive acesso a materiais escolares suficientes Me sinto representada(o) nos conteúdos escolares Sinto que a escola onde eu estudo é diversa e inclusiva
Identidade	Me chamam pelo nome e pronome corretos Me visto como quero, sem medo de julgamentos
Sociedade	Nunca fui seguida(o) por seguranças em lojas Me sinto segura(o) ao andar pelas ruas de meu bairro
Família	Tenho pessoas que me incentivam a seguir meus sonhos Nunca fui discriminada(o) na minha própria casa

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Ao final das perguntas, as/os estudantes foram questionadas/os se alguma de suas respostas registradas teriam causado surpresa ou uma reflexão mais cuidadosa sobre suas vivências, e grande parte respondeu positivamente, mas apenas três pessoas quiseram dividir suas perspectivas com o grupo, dentre essas pessoas, a professora do componente curricular que também respondeu às questões.

Nos relatos compartilhados foram observados padrões correspondentes ao bullying, nesses casos, praticados pela própria família tendo como alvo a aparência física fora do padrão magro, escolhas de vestimentas e acessórios, além de LGBT+fobia; preocupação com a segurança física em decorrência do gênero e/ou raça e/ou sexualidade; falta de apoio institucional e familiar. Outrossim, houve relatos positivos acerca da diversidade e inclusão no ambiente escolar do IFRN.

Para arrematar os resultados da atividade e os conteúdos apresentados ao longo da primeira parte da SD, dialogamos sobre a estruturação dos privilégios na nossa sociedade, e como ela está atrelada a certos marcadores fenotípicos e comportamentais.

1. IDENTIFICAÇÃO

Gênero e Sexualidade como Marcadores Sociais

Professora: Clarissa Felipe

Curso: Técnico Integrado em Lazer (2º ano)

Componente curricular: Arte

Duração da aula: 50 min (presencial)

Resumo da Aula: Neste encontro, utilizaremos cerca de 20 minutos para discussão da leitura sugerida na aula anterior - González (1979) e apresentação das produções textuais das duplas. O debate deve ser estimulado para: (1) reforçar os conceitos expostos na aula anterior; (2) questionar os aspectos que se mantém pertinentes após 46 anos de sua publicação; e (3) introduzir o tema desta aula. Em seguida, exploraremos os marcadores sociais de gênero e sexualidade a repercussão deles no cotidiano social através de aula dialogada e uso de atividade de metodologia ativa. Ao final, proporemos a atividade de conclusão da SD para ser apresentada na última aula.

2. PLANO

	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	RECURSOS
COMPETÊNCIAS	Refletir sobre as construções sociais de gênero e sexualidade, compreendendo sua influência nas relações de poder e no espaço social Vislumbrar a interseccionalidade como prisma analítico das relações sociais	Definição de gênero e sexualidade Desconstrução de estereótipos de gênero Discriminação e violência de gênero e sexualidade O papel das políticas públicas na garantia de direitos para LGBTQIA+	Computador conectado à internet; Projetor e caixas de som; Imagens e vídeos
HABILIDADES	Evidenciar as estruturas de poder/opressão organizadas a partir dos marcadores sociais de raça/ etnia, gênero e sexualidade Fomentar a curiosidade e a pesquisa sobre pensadoras e artistas negras, em sua diversidade de atuação		

3. PROCEDIMENTOS/METODOLOGIA

INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	CONCLUSÃO
<p>Explorar o conceito de gênero e sexualidade utilizando casos recentes de discriminação de gênero e sexualidade</p> <p>Esta etapa é também uma avaliação diagnóstica dos conhecimentos das/os estudantes</p> <p>Refletir sobre como esses marcadores são construídos socialmente</p>	<p>A aula será iniciada com a apresentação das produções das duplas. A proposta inicial é a de que as/os estudantes expressem suas impressões espontaneamente, mas caso isso não ocorra, podemos colocar as seguintes questões iniciais</p> <p>reforçar os conceitos expostos na aula anterior</p> <p>questionar os aspectos que se mantém pertinentes após 46 anos de sua publicação</p> <p>Caso grande parte da turma não tenha lido o texto, iniciar a discussão sobre o título indagando as/os estudantes sobre perpectivas de emprego, dificuldades encontradas, como eles enxergam a distribuição de trabalhos entre pessoas de raças/etnias e gêneros diferentes. Se achar que há abertura, falar sobre a desigualdade de gênero nas funções no trabalho e em casa</p>	<p>Concluir com a reflexão sobre como os estereótipos de gênero e sexualidade contribuem para as desigualdades sociais e como a desconstrução desses estereótipos é essencial para uma sociedade mais justa</p>

4. AVALIAÇÃO

- A avaliação será realizada de forma continuada, a partir da participação ao longo da aula expositiva, bem como na apresentação dos trabalhos em dupla.

5. INDICAÇÃO DE LEITURA

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

THEODORO, Helena. Mitos, tradições culturais e sexualidade. IN: Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos Africanos e Asiáticos - ALADAA, 10. 2000, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ALADAA, s.f. Disponível em: <https://aladaainternacional.com/wp-content/uploads/Mitos-tradicoes-culturais-e-sexualida-de.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

6. RELATOS DE SALA DE AULA

Ainda no dia 9 de maio, seguimos apresentando o conteúdo e as atividades propostas para a aula 2 da SD. Para o início desta aula, aproveitamos a repercussão da atividade “No Meu Lugar” para falar sobre os conceitos de gênero, sexo biológico e sexualidade, usando tais conceitos como mote para aprofundarmos as discussões acerca dos estereótipos de gênero e da consequente discriminação e violência de gênero e sexualidade.

Ao final da aula, sugerimos a leitura do texto “A juventude negra brasileira e a questão do desemprego”, escrito por Lélia Gonzalez (2020) para discussão na aula seguinte.

Neste dia, 9 de maio, os conteúdos foram apresentados conforme o plano das aulas 1 e 2 que contam nesta SD como uma sugestão de conteúdo e programação. A apresentação dos slides continha textos curtos, tópicos e recortes de matérias jornalísticas que documentavam a desigualdade racial no Brasil, além de imagens de obras visuais de artistas negres.



A Interseccionalidade entre Raça, Gênero, Classe e Sexualidade

1. IDENTIFICAÇÃO

Professora: Clarissa Felipe

Curso: Técnico Integrado em Lazer (2º ano)

Componente curricular: Arte

Duração da aula: 50 min (presencial)

Resumo da Aula: Tomando como base as discussões da aula anterior sobre relações étnico-raciais no Brasil, aprofundaremos as nossas reflexões acerca da posição da mulher negra na sociedade, bem como sobre a interseccionalidades dos marcaadores sociais nas vivências de pessoas diversas, a fim de compreender as múltiplas formas de opressão vivenciadas pelos indivíduos com base em diferentes marcadores sociais, e das potencialidades geradas pela diversidade na trajetória individual e coletiva

2. PLANO

	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	RECURSOS
COMPETÊNCIAS	Refletir sobre as múltiplas formas de opressão vivenciadas pelos indivíduos com base em diferentes marcadores sociais	Conceito de interseccionalidade Relação entre raça, gênero, classe e sexualidade	Computador conectado à internet
HABILIDADES	Estimular a curiosidade e a pesquisa sobre realidades de pessoas socialmente discriminadas Fomentar a criticidade do pensamento objetivando a autonomia	Análise de como a interseccionalidade explica as desigualdades e opressões múltiplas	Projetor e caixas de som Celulares/tablets Imagens e vídeos

3. PROCEDIMENTOS/METODOLOGIA

INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	CONCLUSÃO
<p>Definição do conceito de interseccionalidade, com base na teoria de Kimberlé Crenshaw</p> <p>Explicação de como as identidades múltiplas se sobrepõem, gerando experiências únicas de opressão e privilégio</p>	<p>Aula expositiva e dialogada utilizando como recursos didáticos casos relevantes no momento atual que explorem a interseccionalidade, evidenciando os marcadores de gênero e/ou sexualidade e/ou raça/etnia e/ou classe social</p> <p>Metodologia Ativa (20 minutos): Atividade de Estudo de Caso</p> <p>Divida os alunos em grupos e entregue a cada grupo um caso sobre uma pessoa fictícia que se encaixa em múltiplos marcadores sociais (por exemplo, uma mulher negra, de classe baixa, transgênero). O grupo deve analisar as diferentes formas de opressão que a pessoa enfrenta em diferentes esferas da vida (trabalho, educação, saúde, etc.) e sugerir políticas públicas que possam combater essas desigualdades</p> <p>Em seguida, as/os estudantes devem apresentar as suas conclusões</p>	<p>Reflexão final sobre como a interseccionalidade ajuda a entender as complexidades das desigualdades sociais e como as políticas públicas precisam considerar essas múltiplas dimensões</p>

4. AVALIAÇÃO

- A avaliação será realizada de forma continuada, a partir da participação ao longo da aula expositiva e na atividade de metodologia ativa.

5. INDICAÇÃO DE LEITURA

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

ASSIS, Dayane N. Conceição. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

6. RELATOS DE SALA DE AULA

No segundo dia, dia 23 de maio de 2025 o quórum de estudantes foi ainda menor. Contamos com cerca de 8 estudantes que justificaram as ausências dos colegas em razão do grande volume de atividades e projetos de outros componentes curriculares, cujo prazo de entrega estava próximo (Figura 1).

Foto 1 - Registro do primeiro encontro em sala de aula, no dia 9 de maio de 2025



Fonte: registro feito pela professora do componente curricular, Mara Pucci (2025)

Na sala também estava presente a professora do componente que acompanhou as aulas, atividades e contribuiu com suas perspectivas sobre o tema.

No segundo encontro, diante do pequeno número de alunos e do fato de que a maioria não havia lido o texto, seguimos apresentando o conteúdo sobre gênero, sexualidade e interseccionalidade. Iniciamos relacionando os aspectos individuais da identidade com o contexto social, falamos sobre desigualdade de gênero e as consequências dessa desigualdade na vida das mulheres e dos homens.

Durante a aula, alguns estudantes que estavam sentados no final da sala se mostravam dispersos discutindo sobre outro trabalho do componente curricular de inglês, nessa oportunidade, uma das estudantes sentada na segunda fileira de cadeiras usou o desinteresse dos alunos como exemplo do porquê não havia alteração nas dinâmicas de poder entre homens e mulheres: “eles não ligam, porque não importa para eles”. Após o acolhimento da crítica, acrescentamos que as desigualdades e estereótipos de performance de gênero também afetam os homens, que sofrem de outras maneiras com as expectativas sociais sobre o gênero masculino. Diante dessa nova oportunidade, pedimos que os estudantes enumerassem estereótipos que afetam a construção subjetiva dos homens em nossa sociedade, a partir da provocação eles contribuíram com exemplos como a obrigação de atuar como provedor e de maneira agressiva e pouco emotiva diante das circunstâncias da vida.

Após essa intervenção, continuamos intercalando os tópicos com obras de arte que expunham a quebra das expectativas de gênero, como é o caso de “Autorretrato com o cabelo cortado”, da artista Frida Kahlo, uma obra de 1940 (Figura 3) onde a pintora se retratou sentada em uma cadeira, vestindo um terno e rodeada de madeixas de seus cabelos cortadas, a figura porta uma tesoura em uma das mãos próxima à região genital.

6. RELATOS DE SALA DE AULA

Figura 2 – Obra “Autorretrato com o cabelo cortado”, de Frida Kahlo (1940)



Fonte: Kahlo, Frida. Autorretrato com Cabelo Cortado. 1940.
Óleo sobre tela. Museu de Arte Moderna (MoMA), Nova Iorque

Após analisarmos brevemente a obra, construímos o argumento de que a arte é usada como ferramenta de resistência e quebra de paradigmas, além disso, a representação artística pode ser percebida como um sintoma do contexto social e das vivências das/os artistas.

Em seguida, assistimos a um vídeo curto sobre o conceito de interseccionalidade, relacionando os temas discutidos em sala de aula e arrematando com a necessidade do uso da análise interseccional para a interpretação do mundo e para planejamento das ações de mudança. A atividade em grupo planejada para este momento seria um estudo de caso com o objetivo de sugestão de políticas públicas que promovessem a equidade social para personagens fictícios, cujas condições de vida eram permeadas por marcadores sociais da diferença. No entanto, em razão do quórum reduzido, optamos por exemplificar o uso da perspectiva interseccional na criação de políticas públicas e sua importância para a elaboração de planejamentos inclusivos para as minorias sociais, contando com contribuições da turma.

Para encerrar o encontro, e como forma de articular o fenômeno interseccional com a produção artística, foram apresentadas obras das exposições “Bastidores” e “Assentamento” da artista visual Rosana Paulino (1997, 2013), a primeira doutora negra em Artes Visuais do país. Por fim, aproveitando este mote, sugerimos uma atividade de produção artística que representasse o potencial transformador e catártico da arte, no contexto dos temas que tratamos em sala de aula.

No dia do segundo encontro foram trabalhados os conteúdos previstos para as aulas 2 – continuação - e 3 da SD.

Apresentação de criações sobre diversidade e inclusão

1. IDENTIFICAÇÃO

Professora: Clarissa Felipe

Curso: Técnico Integrado em Lazer (2º ano)

Componente curricular: Arte

Duração da aula: 50 min (presencial)

Resumo da Aula: Neste último encontro daremos espaço para os estudantes apresentarem suas criações sobre a temática da visibilidade, inclusão e representação de minoria(s) política(s) na sociedade, na cultura e na arte. A atividade deverá ser apresentada pelos grupos no tempo máximo de 5 minutos. Na oportunidade as alunas e os alunos deverão referenciar os temas debatidos durante as aulas, revelando o que de fato foi apreendido e materializado em suas produções.

2. PLANO

	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	RECURSOS
COMPETÊNCIAS	Fomentar o pensamento histórico-crítico sobre as opressões interseccionais vivenciadas pelos grupos politicamente minorizados Estimular a práxis da arte enquanto ferramenta de expressão e luta	Criação das produções artísticas e apresentação dos trabalhos em grupo	Computador conectado à internet Projetor e caixas de som Celulares/tablets Produções dos estudantes Material de desenho e/ou pintura
HABILIDADES	Relacionar a prática da produção artística/de eventos com os contextos sociais, políticos, culturais		

3. PROCEDIMENTOS/METODOLOGIA

INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	CONCLUSÃO
<p>Este encontro será dedicado às produções artísticas e apresentações das produções dos alunos e à avaliação da SD</p>	<p>Iniciar o momento organizando a atividade de produção artística</p> <p>Instruções: Os estudantes devem se dividir em grupos de 4 ou 5 pessoas e, de posse de material de desenho (Papel, lápis grafite, caneta, lápis hidrocor, giz de cera, lápis de cor, recortes etc.) devem produzir um material artístico (gravura, colagem, cartaz etc.) sobre as discussões em sala de aula com o objetivo de promover a inclusão e a igualdade social entre pessoas diversas no IFRN</p> <p>Os grupos terão 20 minutos para produzir os materiais</p> <p>Cada apresentação terá a duração máxima de 2 minutos</p> <p>Serão avaliados a qualidade das produções e sua relação com os temas tratados em sala, e com os objetivos da atividade</p> <p>Solicitar a avaliação das aulas</p>	<p>A aula será concluída com o agradecimento pelo envolvimento dos estudantes nas aulas e nas atividades</p> <p>Ao final, será solicitado que os alunos avaliem o conjunto das aulas a partir de um formulário disponibilizado no Google Forms</p>

4. AVALIAÇÃO

- A avaliação dos alunos será realizada pela produção apresentada pelas e pelos estudantes, com o auxílio da professora titular do componente curricular.

5. PRODUÇÕES ARTÍSTICAS E DESDOBRAMENTOS DA SD

Foto 2 - Registro da aula no ateliê de artes, no dia 30 de maio de 2025.



Fonte: registro feito pela autora (2025).

Já no dia 30 de maio, a aula foi realizada no ateliê de artes do campus, e nessa ocasião houve uma presença mais numerosa de estudantes, muito em razão da atividade avaliativa que a professora estava propondo (Figura 4).

Nesse momento tivemos a oportunidade de nos dirigirmos à turma para encadear a ideia da atividade planejada do componente curricular - o desenho de uma figura feminina inspirada na mãe dos estudantes - com os conceitos de resistência e emancipação feminina diante do fenômeno da interseccionalidade. As produções artísticas resultantes dessa atividade foram expostas no evento Maria Fernanda ainda está aqui, no dia 6 de junho (Figura 5).

Foto 3 – Compilação das produções artísticas das/os estudantes com base no conteúdo do PE e no tema do evento.



Fonte: Exposição Maria Fernanda vive, compilado/collagem feito pela autora (2025)

O evento Maria Fernanda ainda está aqui foi realizado no campus Natal - Centro Histórico, e sua temática relacionava-se ao feminicídio da menina Maria Fernanda da Silva Ramos, ocorrido no final de 2024 na região da grande Natal/RN.

O evento idealizado pela professora Mara Pucci, contou com a participação de aproximadamente 120 estudantes e servidores. Na oportunidade, realizamos uma breve fala à convite da idealizadora do evento, professora do componente curricular de Arte, convite este feito como um dos desdobramentos da aplicação da SD. No decorrer da fala, informamos sobre os objetivos desta pesquisa e como eles relacionavam-se às obras expostas, das consequências provocadas pelas desigualdades de gênero, raça, classe, sexualidade e outras. O evento também contou com a participação da delegada Vitória Lisboa, da Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher da Zona Leste, Oeste e Sul (DEAM/ZLOS) e da psicóloga escolar Fabiana Marcelino (Figura 6).

Foto 4 - Registro do momento da fala no evento Maria Fernanda ainda está aqui



Fonte: registro feito pela professora Mara Pucci (2025).

Após a aplicação da Sequência Didática, Produto Educacional proveniente desta pesquisa, e de seus desdobramentos no cotidiano escolar - exposição e fala no evento -, o PE foi avaliado pelas/os estudantes e pela professora do componente curricular Arte. Dessa maneira, apresentamos na seção seguinte as análises referentes a tais avaliações.

Logo após a aplicação, o PE foi avaliado pelo público-alvo e pela professora responsável pelo componente curricular na qual a SD foi aplicada, através de um formulário com questões mistas, disponibilizado através do *Google Forms* e acessado a partir de *link* ou *QR Code* apresentado ao final do ciclo de aulas. O objetivo da avaliação, além de ser uma exigência do ProfEPT e da CAPES, é entender se e como o conteúdo apresentado impactou os participantes, se o conteúdo e as atividades foram pertinentes diante dos temas tratados, e suas opiniões sobre a organização e apresentação das aulas. Obtivemos oito respostas à avaliação destinada às/-aos estudantes sobre o PE, cujos critérios deveriam ser aplicados ao conteúdo das aulas apresentadas com base na SD. Utilizamos os eixos avaliativos sugeridos por Zabala (1998), eixos comunicacional e pedagógico , conforme apresentado no Quadro 3:

QUADRO 3: Avaliação do PE pelos estudantes

EIXO - A PARTIR DE ZABALA (1998)	PERGUNTA	TIPO DE RESPOSTA	RESULTADO
Comunicacional	Os slides te ajudaram na compreensão do conteúdo das aulas?	Em escala - 1: “não ajudaram” e 5: “ajudaram muito”	100% responderam 5 - “ajudaram muito”
	Na sua percepção, a professora usou uma linguagem clara durante as aulas?	Pergunta fechada - Opções “sim” e “não”	100% responderam “sim”
Pedagógico	Na sua percepção, qual é o nível de importância dos conteúdos para a sua formação enquanto cidadã/cidadão?	Em escala - 1: “desimportante” e 5: “muito importante”	100% responderam 5 - “muito importante”
	As atividades te ajudaram a compreender o conteúdo?	Pergunta fechada - Opções “sim” e “não”	100% responderam “sim”
	Qual atividade mais contribuiu para a sua compreensão da aula?	Múltipla escolha - Opções: “No meu lugar”; “Leitura e compreensão”; “Estudo de caso”; “Produção artística”	12,5% (1 estudante) respondeu “Estudo de caso”; 25% (2 estudantes) responderam “Leitura e compreensão”; 25% (2 estudantes) responderam “Produção artística”; 37,5% (3 estudantes) responderam “No meu lugar”.
	Quais foram suas dificuldades ou facilidades na compreensão do conteúdo das aulas?	Aberta	Não tive, explicou perfeitamente. Nenhuma. Não tive dificuldade. Nenhuma Nenhuma dificuldade, as aulas foram facilmente compreendidas. Tive facilidade em compreender mais! Pois a professora Clarissa nos fazia perguntas e dava exemplos “atuais” o que nos deixou com bastante interesse no assunto. Consegui compreender as aulas de maneira eficiente,tive dificuldade apenas na produção artística por falta de prática. Nenhuma.

EIXO - A PARTIR DE ZABALA (1998)	PERGUNTA	TIPO DE RESPOSTA	RESULTADO
Pedagógico	Você acha que discussões sobre a identidade social das pessoas (gênero, raça, classe social, deficiência, sexualidade etc.) devem ser debatidos na escola?	Fechada - Opções “sim” e “não”	100% responderam 5 – “ajudaram muito” 100% responderam “sim”
	Por que você pensa dessa forma?	Aberta	12,5% (1 estudante) respondeu “não”; 87,5% (7 estudantes) responderam “sim”. É de grande importância de nós, não só como instituição, mas como sociedade, abordar tais assuntos que infelizmente fazem parte da nossa realidade. Prefiro não me pronunciar Porque é um tema importante e atual. Por que é importante para os alunos se aprofundar nisso para saber como funciona a nossa realidade Porque na sociedade que vivemos a ignorância é o principal fator para as desigualdades, preconceitos e marginalização as diversas classes sociais. Nada a declarar Acredito que se fosse debatido, não existiria 90% dos casos de preconceito e violência, principalmente nas escolas! Pois entendi o assunto de forma clara

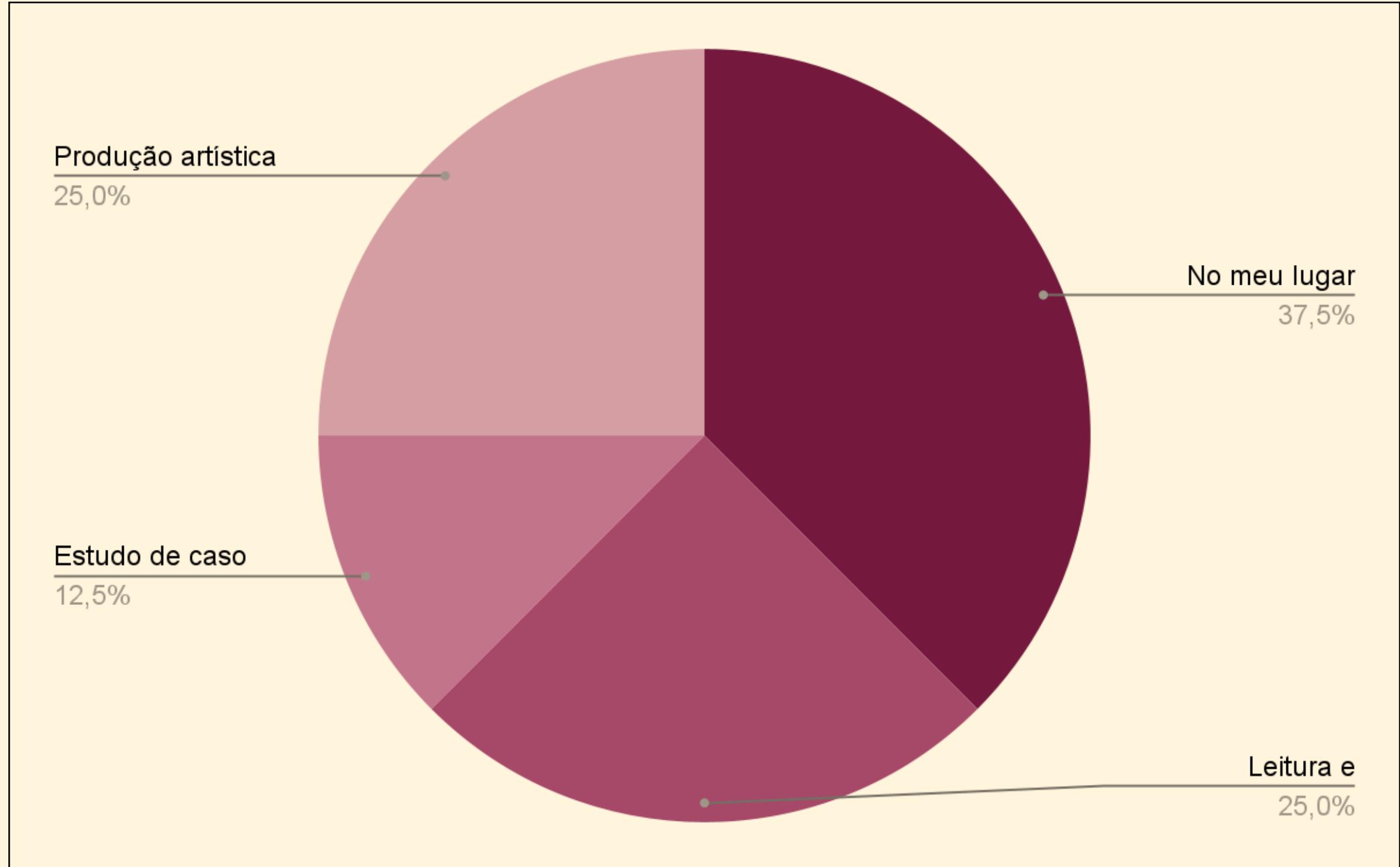
As respostas dos estudantes foram fornecidas de maneira anônima através do Google forms entre os dias 23 a 30 de maio de 2025. De acordo com as considerações feitas pelas/os estudantes sobre o aspecto comunicacional, as aulas baseadas no PE atenderam às suas necessidades tanto nos aspectos audiovisuais, quanto na comunicação oral e escrita, conforme exposto no Quadro 3.

Os aspectos pedagógicos da aplicação das aulas também foram avaliados pelas/os estudantes, de forma que todas e todos consideraram os conteúdos pertinentes para a formação cidadã proposta pela instituição (IFRN, 2012). Quando perguntadas/os sobre a discussão de temas ligados à identidade social no ambiente escolar, apenas um/a estudante respondeu que não considerava o tópico pertinente para ser tratado na escola, não tendo apresentado justificativa para tal percepção além de: “pois entendi o assunto de forma clara”.

As respostas contraditórias em relação à pertinência dos temas para a formação cidadã e, ao mesmo tempo, a impertinência da discussão sobre identidades sociais na escola pode ter razões variadas, que podem ir desde um equívoco ao responder à questão, ou mesmo uma crítica à abordagem formal de tais assuntos sensíveis e de natureza, por vezes, íntima. De toda sorte, encaminhamos os questionamentos sobre essa contradição a outras iniciativas de pesquisa sobre a aplicação de temas relacionados nos espaços formais de ensino.

As atividades propostas com o uso de Metodologias Ativas de Aprendizagem foram bem recebidas pela turma: todas e todos perceberam que as atividades foram importantes para o aprendizado nas ocasiões das aulas. Perguntadas/os sobre qual atividade foi mais impactante para o seu aprendizado, as/os estudantes se dividiram dando preferência à atividade intitulada “No meu lugar”, na qual abordamos o reconhecimento de privilégios e desvantagens a partir dos marcadores e identidades sociais (Figura 7):

Figura 3 - Atividades mais relevantes para o aprendizado na opinião das/os estudantes.



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Por fim, ao analisar as respostas das questões abertas nas quais as/os estudantes foram perguntadas/os sobre (1) facilidades e dificuldades na compreensão do conteúdo, e quanto às suas perspectivas sobre a (2) pertinência da discussão sobre identidade social das pessoas (gênero, raça, classe social, deficiência, sexualidade etc.) na escola, percebemos uma certa homogeneidade quanto à (1) facilidade de aprendizado dos conteúdos propostos, e (2) a divisão entre os que consideram os conteúdos pertinentes no ambiente escolar e os que preferiram não se manifestar, conforme registrado no Quadro 4.

Ainda sobre as opiniões das/os estudantes que consideram pertinente que a escola abrigue os conteúdos abordados na SD Caminhos Cruzados: Explorando a interseccionalidade com Metodologias Ativas, destacamos duas respostas (Quadro 3) que expressam percepções condizentes às que motivaram esta pesquisa: “[...] na sociedade que vivemos a ignorância é o principal fator para as desigualdades, preconceitos e marginalização as diversas classes sociais.”; e “Acredito que se fosse debatido, não existiria 90% dos casos de preconceito e violência, principalmente nas escolas!”. Essas duas justificativas chamam a atenção por estabeleceram a educação e o diálogo enquanto estratégias para a superação de desigualdades que causam violência e discriminação aos corpos não-hegemônicos. Por óbvio, a saída pelo diálogo não é a mais simples de ser travada, no entanto, é a mais condizente e sustentável diante da realidade equânime que buscamos, especialmente através de uma formação omnilateral, que estimule o pensamento crítico e a autonomia.

A SD também foi avaliada pela docente do componente curricular Arte. A ela foram feitos outros questionamentos, cujas respostas reproduzimos integralmente no Quadro 4:

QUADRO 4: Avaliação do PE pela professora responsável do componente curricular Arte

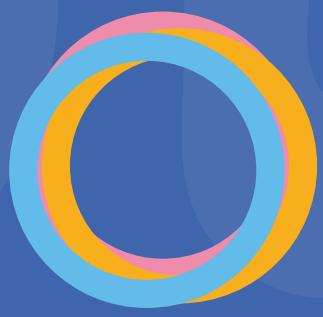
PERGUNTAS	RESPOSTAS
Como você concebe a ideia de criação de um produto educacional sobre gênero, feminismo e negritude no cenário do ensino de Artes?	Eu concebo a ideia de criação de um produto educacional somente a partir de atividades iniciais de pesquisa, de construção de conhecimento, de atividades de reflexão e de escrita dos textos; após essa fase, seria relevante você fazer uma pesquisa com os possíveis usuários (necessidades e demandas junto aos alunos, docentes e pais); fazer a projeção do produto em fases e avaliar cada uma das fases com os usuários; reunir professores para avaliar a qualidade do produto.
Como você avalia a ideia de uma sequência didática como produto educacional sobre interseccionalidade no contexto do ensino de Arte?	Perfeitamente apropriada quando essa sequência está adequada às necessidades e as demandas do contexto educativo, vai sendo construída com alunos e docentes; quando produz resultados inovadores.
Em relação à sequência didática produzida e encaminhada à sua apreciação, o que você apontaria como revisão didático-pedagógica necessária?	Maior inclusão de jogos, técnicas e tecnologias, de pensar estratégias com jogos dramáticos e narrativas sobre estudos de caso.
Afora tais sugestões, que outras considerações você apontaria como forma de melhoria?	Criação de unidades didáticas mensais que tenham como culminância produtos artísticos, resultantes de pesquisa, e possam agregar trabalho voltado para a comunidade sob a modalidade de palestras, seminários, festivais, batalhas, hip hop (dança, grafite e rodas), oficinas de culinária, usos, costumes, moda e poesia e literatura.

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Os resultados compilados farão parte da validação do PE junto à banca avaliadora da dissertação de mestrado a qual o PE se vincula, além de servir de parâmetro de ajuste para possíveis replicações do produto em outras ocasiões. Em tempo, cabe informar que o PE em questão não necessita ser validado ou aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFPB para ser aplicado e/ou reproduzido.

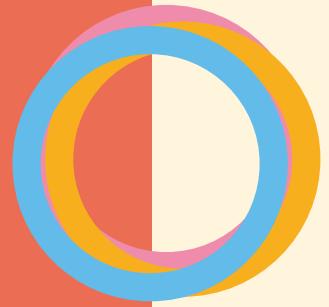
Por fim, compreendemos que a produção de um PE é um caminho que vai se construindo conforme a pesquisa avança e as percepções e conhecimentos vão amadurecendo diante da jornada. Sendo assim, o PE vinculado a esta dissertação tomou várias formas e passou por diversos ajustes, recomeços e reparos, conforme a pesquisa exigia uma maior conexão com a produção que materializa os anseios provocados durante a pesquisa.

Respeitando os rumos deste processo, cabe dizer que o formato final deste PE, que se configura numa SD, foi inspirado nos relatos das entrevistadas desta pesquisa acerca da ausência de materiais aplicados ao cotidiano do IFRN, especialmente do campus Natal-Centro Histórico. Assim, não pretendemos fechar este planejamento para as novas ideias e ajustes que sejam pertinentes ao melhoramento do produto. Da mesma forma, a replicação deste PE não deve estar fechada às adaptações necessárias para o alcance do público, dentro dos critérios éticos, políticos e sociais aos quais o PE está ligado.



11. Conceitos, verbetes, sugestões de leitura & mais

Esta seção tem o intuito de propor significados a verbetes fundamentais para melhor compreender as relações de raça e gênero. Sem a intenção de completar o álbum de definições sobre o assunto, os conceitos trabalhados aqui trarão o apporte de autoras e autores que vem permitindo a ampliação do conhecimento sobre cultura e história afrodiáspórica e, por conseguinte, afrobrasileira, com ênfase nas mulheres negras. Com isso, reforçamos nosso compromisso em fortalecer o cumprimento da Lei 10.639/03 no que tange a integração desses conteúdos ao cotidiano escolar.



Amefricanidade

A Amefricanidade é uma percepção que quebra com os padrões eurocêntricos aplicados à história, cultura, ciência etc., a partir da valorização dos saberes oriundos dos povos originários do Continente Americano, dos povos oriundos de África trazidos para a América à força da escravização, e do que foi feito desses conhecimentos, cultura, linguagem, história, música, religião etc., diante da necessidade de resistência ao processo de colonização violento e violador das identidades e autonomias desses povos. Essa perspectiva foi desenvolvida pela intelectual brasileira Lélia Gonzalez, e pode ser utilizada como ferramenta analítica para desvelar e combater as estruturas societais que oprimem e apagam o que e quem tem origem ameríndia e africana.

PARA SABER MAIS:

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, (jan./jun.), 1988. Disponível em: <https://l1nq.com/A-categoria-politico-cultural-de-amefrikanidade>. Acesso em: 13 mai. 2024.

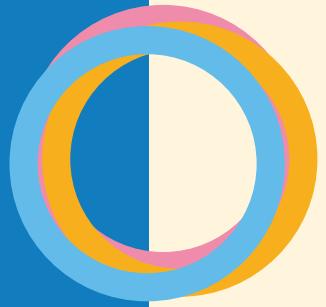
A CATEGORIA POLÍTICO-CULTURAL DE AMEFRICANIDADE⁽¹⁾

Lélia Gonzalez

1. INTRODUÇÃO

Este texto resulta de uma reflexão que vem se estruturando em outros que o antecederam (Gonzalez, 1983; 1988a,b,c), e que se enraíza na retomada de uma idéia de Bety Milan desenvolvida por M.D. Magno (1981). Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o *t* pelo *d* para, af sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: *América Ladina* (não é por acaso que a *neurose cultural* brasileira tem no *racismo* o seu sintoma por exceléncia). Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os "pretos" e os "pardos" do IBGE) são *ladinoamefricanos*. Para um bom entendimento das artimanhas do racismo assim caracterizado, vale a pena recordar a categoria freudiana de *denegação* (*Verneinung*): "processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até af recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença" (Laplace e Pontalis, 1970). Enquanto denegação de nossa ladinoamefricanidade, o racismo "à brasileira" se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer ("democracia racial" brasileira).

Rev. TB. Rio de Janeiro, 92/93; 69/82, jan.-jun., 1988. 69

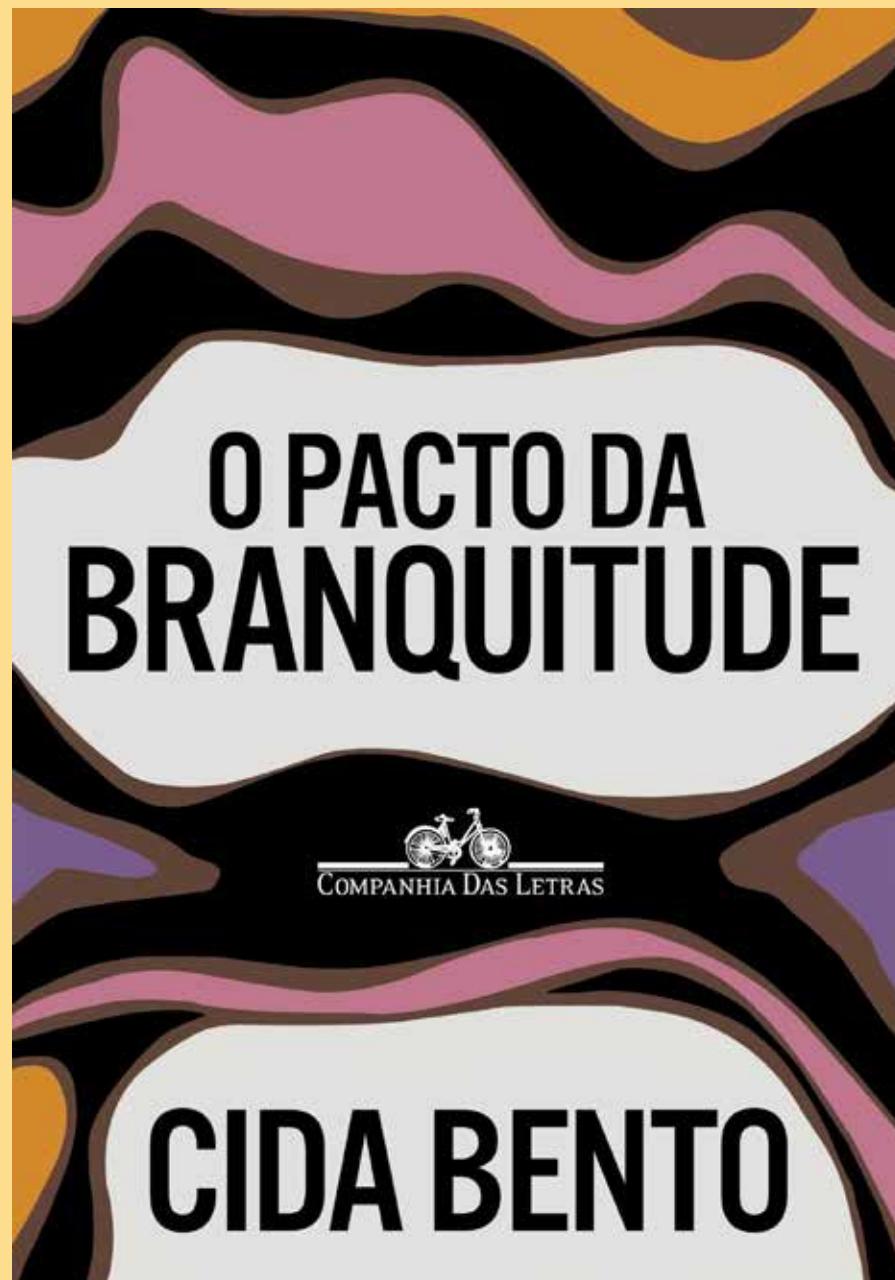


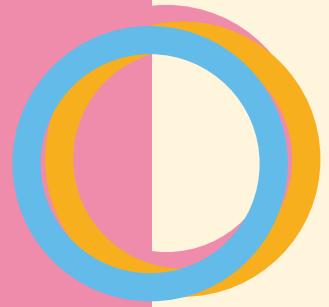
Branquitude

A branquitude é um pacto entre pessoas que produz e mantém os privilégios entre pessoas que se veem como iguais. A autora brasileira Cida Bento argumenta que “A branquitude se expressa em uma repetição ao longo da história, de lugares de privilégio assegurados para as pessoas brancas, mantidos e transmitidos para as novas gerações” (Bento, 2022, p. 18). Ou seja, as pessoas brancas ao longo da história permitem-se circular nos espaços de poder, excluindo os outros, os que são diferentes deles. Esse acordo tácito funciona como um pacto narcísico - uma referência ao arquétipo de Narciso, da mitologia grega -, pois só acolhem aqueles que se parecem, se enxergam no outro a partir de características físicas e culturais, mantendo as estruturas de poder nas mesmas mãos e de seus herdeiros. Apesar de ser um acordo não-verbalizado, não significa que não é um acordo organizado, pois se estabelece a partir das estruturas de opressão hierárquicas expandidas a partir da colonização.

PARA SABER MAIS:

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

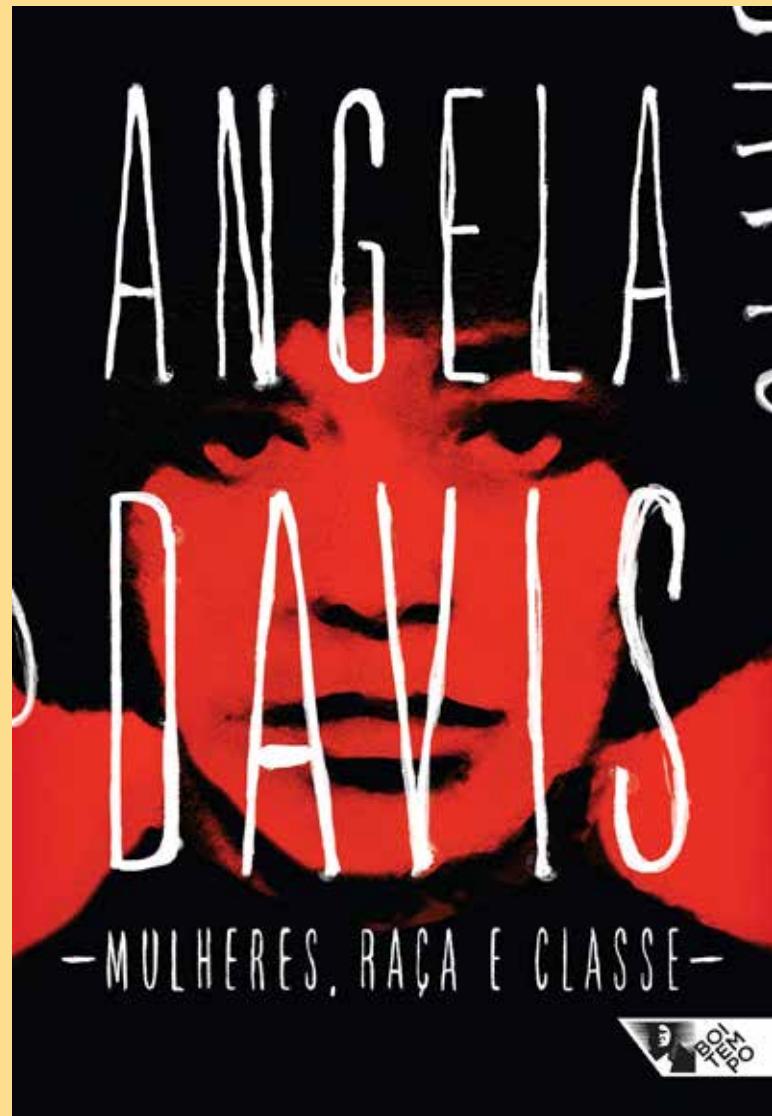




Classe social

Classes sociais são categorias socioeconômicas nas quais a população é dividida. A separação da população em grupos distintos com base na renda e poder de compra estabelece desigualdades profundas nas condições de sobrevivência dessas parcelas estratificadas em camadas tão distintas que, por vezes, fica difícil acreditar que as pessoas mais ricas vivem no mesmo território que aquelas que sobrevivem abaixo da linha da pobreza². Sob a ótica marxista, só existem duas classes sociais: a burguesia - detentora dos meios de produção; e o proletariado, ou classe trabalhadora - aquela cuja renda depende da venda de sua força de trabalho. Na perspectiva da interseccionalidade, que estabelece uma percepção das opressões de maneira interligada e indissociável, a classe social é influenciada por outras características da pessoa, como raça, gênero, sexualidade, naturalidade etc. Ou seja, como nos diz Angela Davis (1997), em fala na 1ª Conferência Lélia Gonzalez³:

As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mutuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.

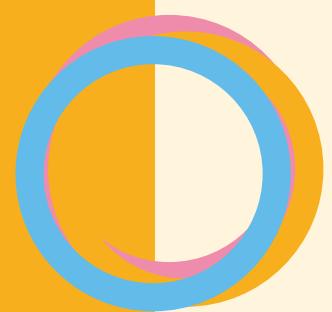


PARA SABER MAIS:

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

² O termo linha da pobreza refere-se à renda que não dá condições de sobrevivência a uma pessoa ou grupo familiar. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), em 2024 essa linha é representada pelo valor R\$667 (seiscientos e sessenta e sete reais) mensais. <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/07/no-brasil-9-6-milhoes-sairam-da-condicao-de-extrema-pobreza-em-2023>

³ Trecho da fala de Angela Davis na Iª Jornada Cultural Lélia Gonzales, promovida pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão e pelo Grup, em São Luiz do Maranhão, em 1997. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-a angela-davis/>

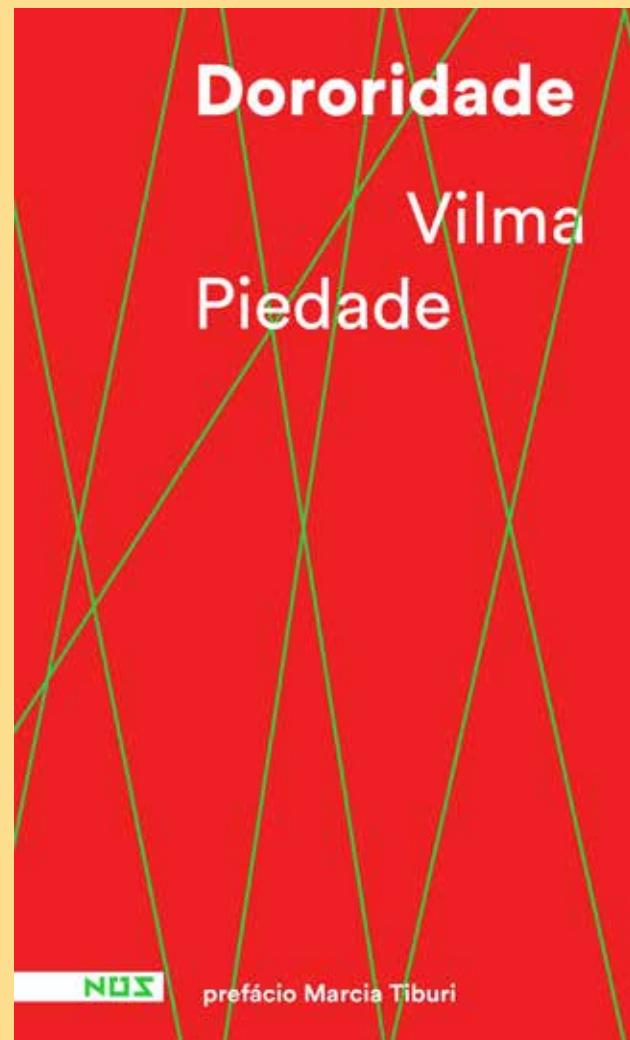


Dororidade

O termo Dororidade, criado pela professora Vilma Piedade (2021) , tem ligação e semelhança proposital com outro termo bastante popular no feminismo, a Sororidade - sinônimo de irmandade. O que liga as duas palavras é a chamada ao acolhimento das mulheres umas pelas outras diante das opressões impostas por uma sociedade machista. No entanto, a sororidade, termo produzido no período da Revolução Francesa, não dá conta de abarcar outros aspectos das realidades de mulheres diversas, como por exemplo a raça e o gênero. Diante disso, e conhecendo a necessidade de uma percepção mais ampla para as questões de gênero, inspirada pela perspectiva do feminismo interseccional, Vilma Piedade dimensionou a Dororidade para acolher vivências próprias de mulheres negras, marcadas pela dor muitas vezes ignorada pelo feminismo tradicional - incorporado por muito tempo no Brasil - e silenciada pela sociedade cisheteropatriarcal. Segundo a autora:

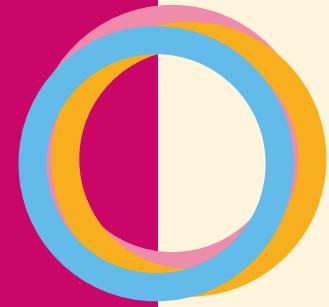
A sororidade parece não dar conta da nossa pretérito. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho, conhecido das mulheres: a Dor – mas, nesse caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele (p. 17).

É importante ressaltar que o termo foi criado por uma intelectual brasileira, ou seja, fora dos eixos europeu e norte americano que costumam dominar as pautas acadêmicas e sociais. Essa centralização do conhecimento costuma acarretar na dificuldade de popularização das descobertas nas periferias do mundo, razão pela qual é vital descentralizar e descolonizar a percepção que temos dos saberes.



PARA SABER MAIS:

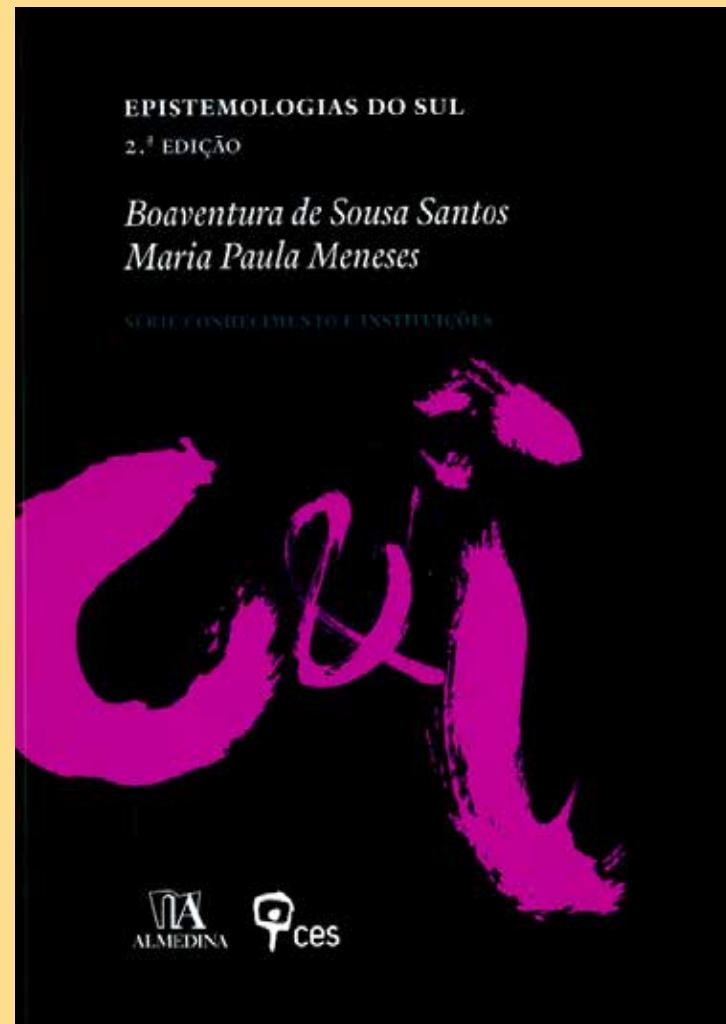
PIEDADE, Vilma.
Dororidade. São Paulo:
Editora Nós, 2017.



Epistemicídio

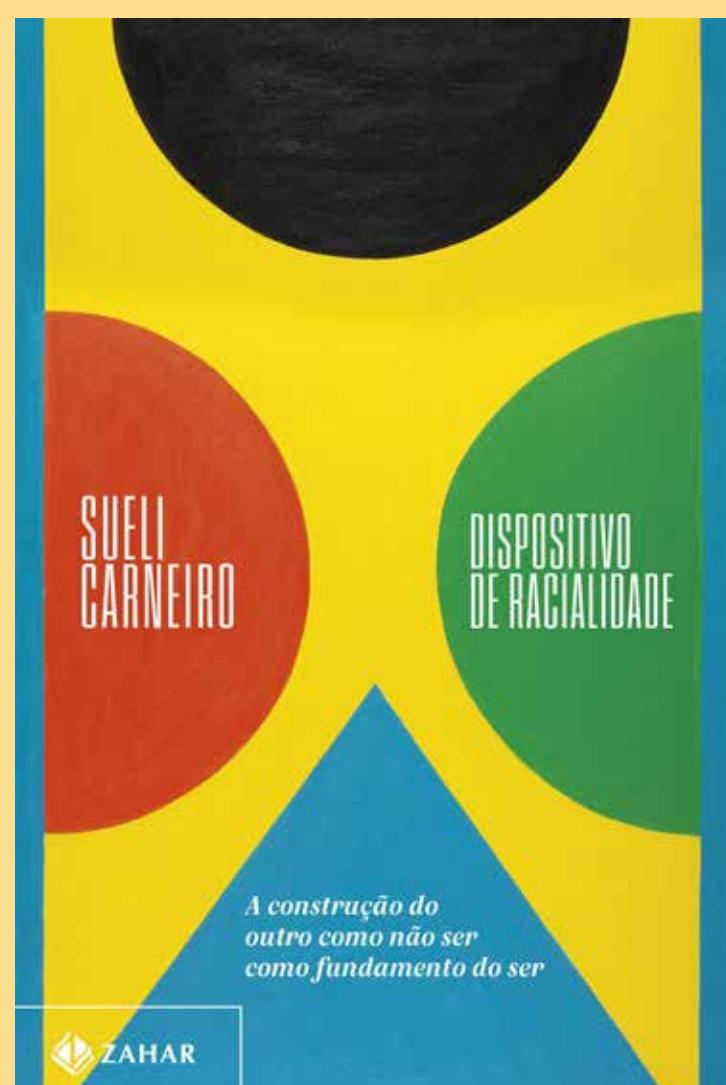
O termo combina duas partes: episteme (relativo à palavra grega epistéme - conhecimento) e cídio (do sufixo do latim cedium - significando extermínio ou morte). Ou seja, Epstemicídio remete ao extermínio do conhecimento. Mas não qualquer conhecimento, apenas os saberes, culturas e ciências originados em territórios localizados geograficamente ao sul do globo terrestre. Os saberes produzidos no Sul Global, como denomina o sociólogo Boaventura de Souza Santos (2010), que deram conta de construir civilizações complexas, são invisibilizados e inferiorizados por não aderirem à lógica do pensamento eurocêntrico. Esse processo resultou na descontinuidade e consequente fragmentação de saberes e culturas oriundas do Sul Global, em vista da consolidação de sociedades amplamente fundamentadas em estruturas do colonialismo europeu.

Sueli Carneiro (2023), filósofa e intelectual negra brasileira, por sua vez, apropriou-se do termo Epistemicídio para escancarar o apagamento de contribuições negras nas diversas áreas do conhecimento, que resulta, na prática, na escassez de referências bibliográficas negras no âmbito acadêmico.



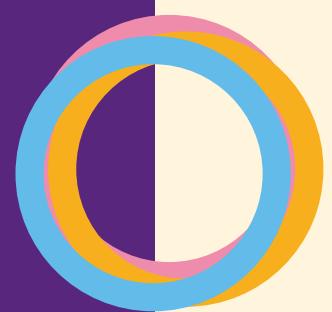
PARA SABER MAIS:

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.).
Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.



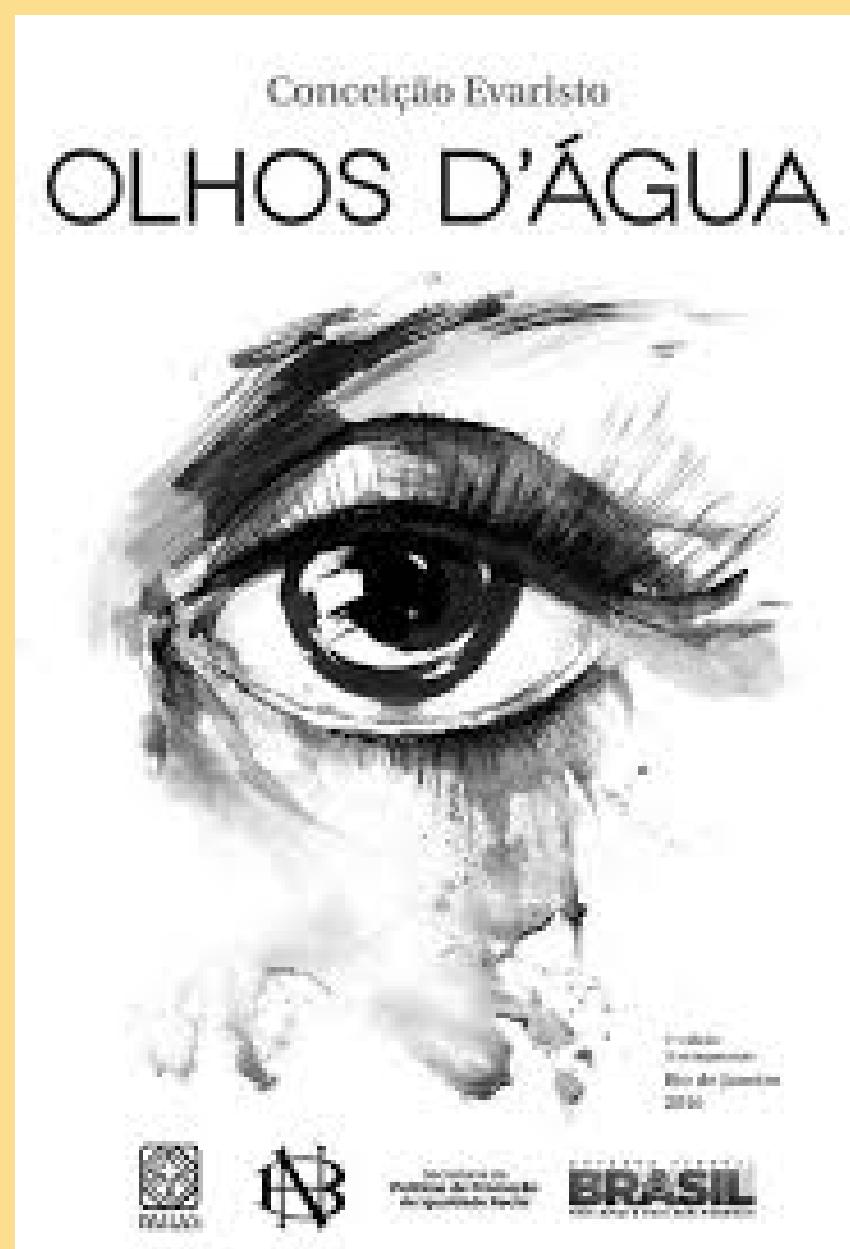
PARA SABER MAIS:

Dispositivo de racialidade:
 A construção do outro
 como não ser como
 fundamento do ser (2023)
Sueli Carneiro



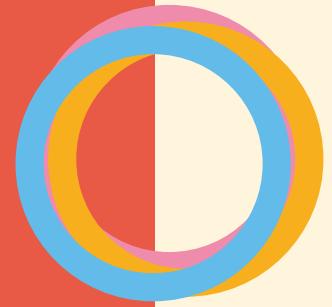
Escrevivência

O termo Escrevivência aglutina duas palavras: escrever e vivências, e foi o nome dado pela escritora brasileira Conceição Evaristo (2016) para o estilo que utiliza em seus textos, mas não só. O conceito não se resume a uma escrita sobre si, pois amplia o registro de elementos do viver para as experiências do coletivo, que herdamos nas tradições, nos saberes, no simples fato de ser uma mulher negra em ambiente diaspórico na América Latina, traduzida por Lélia Gonzalez (1988) como Améfrica Ladina, firmando fundamentos culturais praticamente e reiteradamente dizimados pela sanha colonizadora. Assim, a Escrevivência é uma tradução do mundo através da valorização das experiências negras. A estética literária de autoras como a já citada Conceição Evaristo (2016), e de Carolina Maria de Jesus (2014), por exemplo, reforçam a centralidade da mulher negra na sociedade brasileira, sendo também um movimento contrário ao Epistemicídio dos saberes negros, como nos mostra Sueli Carneiro.



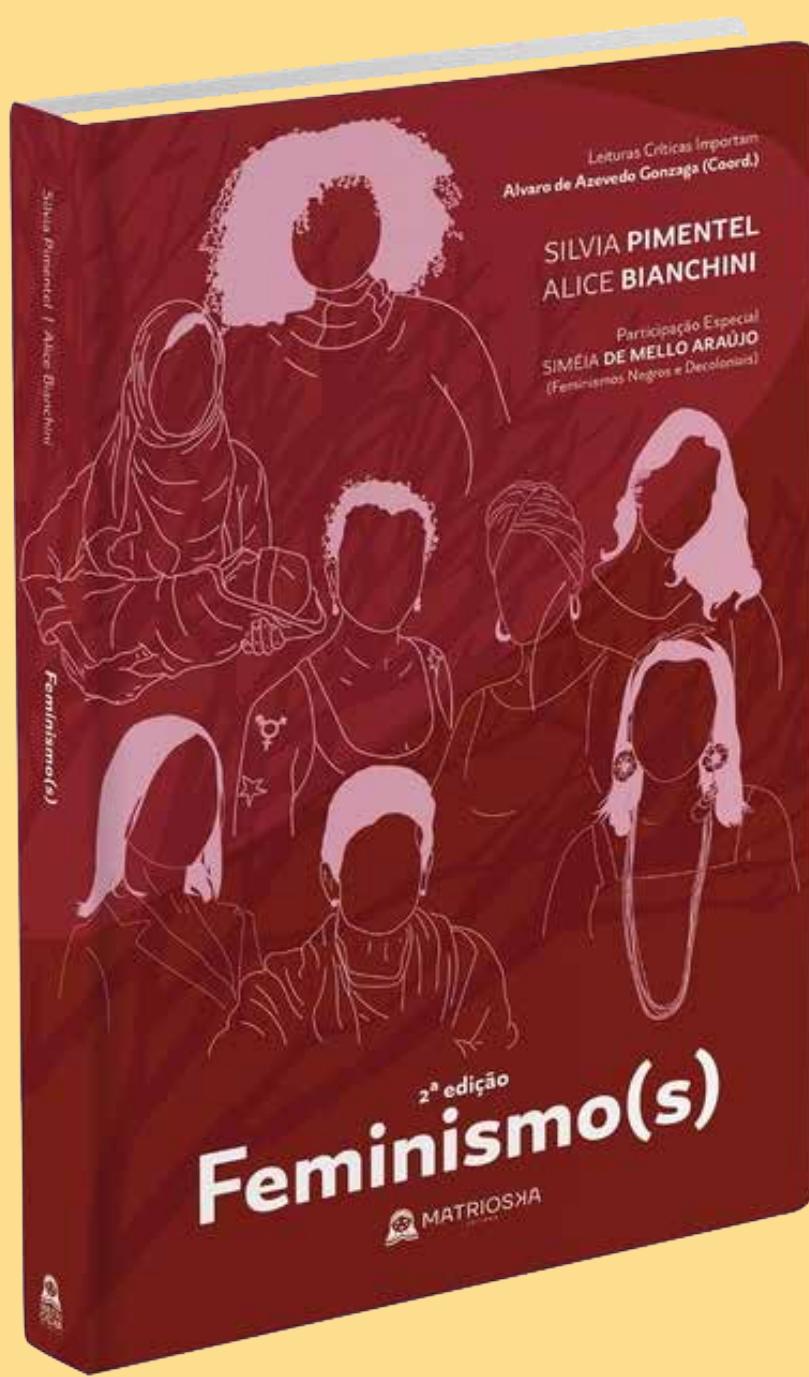
PARA SABER MAIS:

EVARISTO, Conceição.
Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.



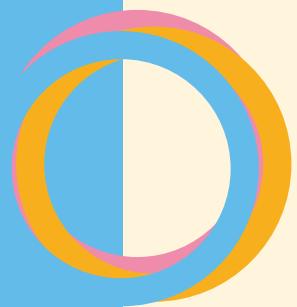
Feminismo

Feminismo é um movimento político e um campo ideológico que se alinha à busca da liberação das mulheres. Existem acepções e práticas mais restritas e mais abrangentes relativas ao Feminismo, razão pela qual algumas autoras referem-se a esta ideologia no plural. Na nossa interpretação, o feminismo só faz sentido se acolher a defesa pelos direitos e dignidades de mulheres nas suas diversidades de raça, de classe, de sexualidade, de localização geográfica, de religião, capacidades físicas e intelectuais e por aí vai. Como disse Barbara Smith (1979, p. 48), “qualquer coisa menos que isso não é feminismo, mas sim mulheres se auto-engrandecendo.” reforçam a centralidade da mulher negra na sociedade brasileira, sendo também um movimento contrário ao Epistemicídio dos saberes negros, como nos mostra Sueli Carneiro (2023).



PARA SABER MAIS:

PIMENTEL, Silvia; BIANCHINI, Alice. **Feminismo(s)**. São Paulo: Matrioska, 2021.



Feminismos Subalternos (ou Feminismos contra-hegemônicos):

O termo Feminismos Subalternos é proposto pela pesquisadora Luciana Ballestrin (2017), usando como inspiração as produções teórico-analíticas do grupo de Estudos Subalternos asiáticos. O sentido para o termo Subalterno em ambos os casos refere-se à subalternidade imposta a culturas, sociedades, povos, religiões, e aos feminismos dissidentes do modelo hegemônico: ocidental, branco, heterosexual, eurocêntrico e de primeiro mundo. Sendo assim, engloba, como uma super categoria, os feminismos negro, indígena, pós-colonial, decolonial, comunitário, transnacional etc. Por fim, o conjunto de vieses feministas contribuem para as práxis de resistência e bem viver construídas não apenas para as mulheres, mas com as mulheres na sua diversidade étnica, racial, religiosa, geográfica, socioeconômica, cultural e subjetiva.

Luciana Maria de Aragão Ballestrin
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Feminismos Subalternos

Resumo: Especialmente a partir dos anos 1980, o encontro entre pós-colonialismo e feminismo trouxe importantes consequências práticas e teóricas para o entendimento da vida das mulheres sob o impacto – passado ou presente – do colonialismo. Uma das mais evidentes foi a geração de novas discussões sobre a natureza desigual das relações entre o norte e o sul, o centro e o pós-colonial e que, atualmente, pode ser observado na tentativa de projetar um feminismo do sul e decolonial. O presente artigo possui dois objetivos femininos principais: [a] demonstrar o antagonismo construído desde os anos 1980 entre o feminismo não ocidental e ocidental e [b] desenvolver um diálogo crítico com a versão contemporânea do feminismo decolonial latino-americano em relação à noção de colonialidade de gênero. Propõe a noção de "Feminismos subalternos" para a compreensão da natureza desigual do gênero: a construção dos feminismos não ocidentais, comandados pelos subalternos em negociação com o feminismo moderno. Como consequência, evidencia-se a tensão entre o limite da fragmentação de diferenças irreconciliáveis e a necessária cosmopolização da agenda feminista.

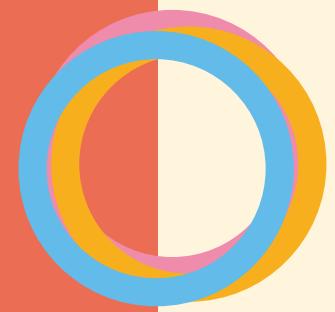
Palavras-chave: Feminismo pós-colonial; feminismo decolonial; colonialidade; gênero

Introdução

Uma das constatações mais importantes realizadas nas últimas décadas no âmbito global da produção do conhecimento é a verificação da economia política que a estimula, particularmente no domínio das Ciências Sociais. Diferentes autores/as sustentam a existência de uma divisão global do trabalho que reproduz a lógica da neocolonial colonial e

PARA SABER MAIS:

BALLESTRIN, Luciana.
Feminismos subalternos.
Revista Estudos Feministas,
v. 28, n. 1, 2020.



Feminismo Negro

O Feminismo Negro, enquanto movimento de justiça social, tem sua base teórica e prática no pensamento feminista negro. Esse, por sua vez, não se limita à academia, absorvendo saberes de intelectuais de diferentes atuações junto do movimento negro e do movimento de mulheres. A pedra angular do Feminismo Negro é a compreensão de que mulheres negras localizam-se em um encruzilhada de possíveis opressões, como a de gênero, a de raça e a de classe, por exemplo. Dessa forma, o Feminismo Negro reivindica as pautas fundamentais para a vida e dignidade de todas as mulheres, reforçando o recorte racial e sócio-econômico, frequentemente negligenciados pelo feminismo tradicional.

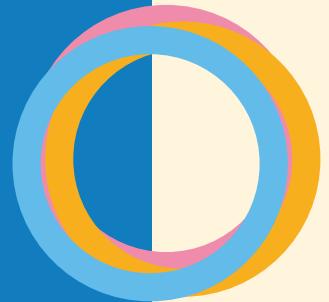
Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero

MULHER NEGRA

A book cover featuring a black and white photograph of a woman with glasses, resting her chin on her hand. The title is written in a serif font, and the author's name is at the bottom left. A small white rectangular box contains the word "MULHER NEGRA".

PARA SABER MAIS:

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 30 mai. 2024.

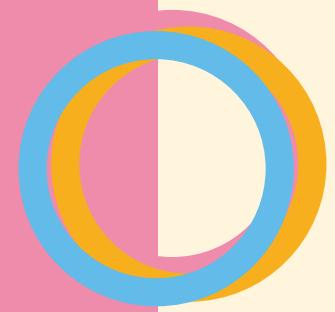


Feminismo Comunitário

Feminismo Comunitário é um termo guarda-chuva que abrange os feminismos que lutam pela emancipação e liberdade das mulheres, especialmente as que estão vinculadas a territórios intrudidos por forças colonizadoras, como é o exemplo da América Latina, ou Améfrica Ladina, ou ainda, Abya Yala - significando algo como Terra em Florescimento na língua Kuna. No Feminismo Comunitário, a defesa do território, tanto o corpo-território quanto a área geográfica são considerados fundamentais para a vida em liberdade das mulheres. No caso da terra, busca defender a integridade, porque é dela que vem o sustento e a ancestralidade da comunidade; no caso do corpo, é considerado território tanto pela ligação íntima com a terra, quanto pela alteridade que carrega. Em ambos os casos, invasões e violências colonizadoras e imperialistas perturaram, destruíram e, em alguns casos, aniquilaram esses territórios, de forma que o Feminismo Comunitário carrega em sua essência a defesa de opressões próprias de territórios e corpos-territórios, especialmente os indígenas, vilipendiados pelo projeto de colonização ocidental. Além disso, como ferramenta teórica, dá novas dimensões sobre o patriarcado pré-colonial e suas consequências sobre os corpos de mulheres indígenas e pessoas intersexo.

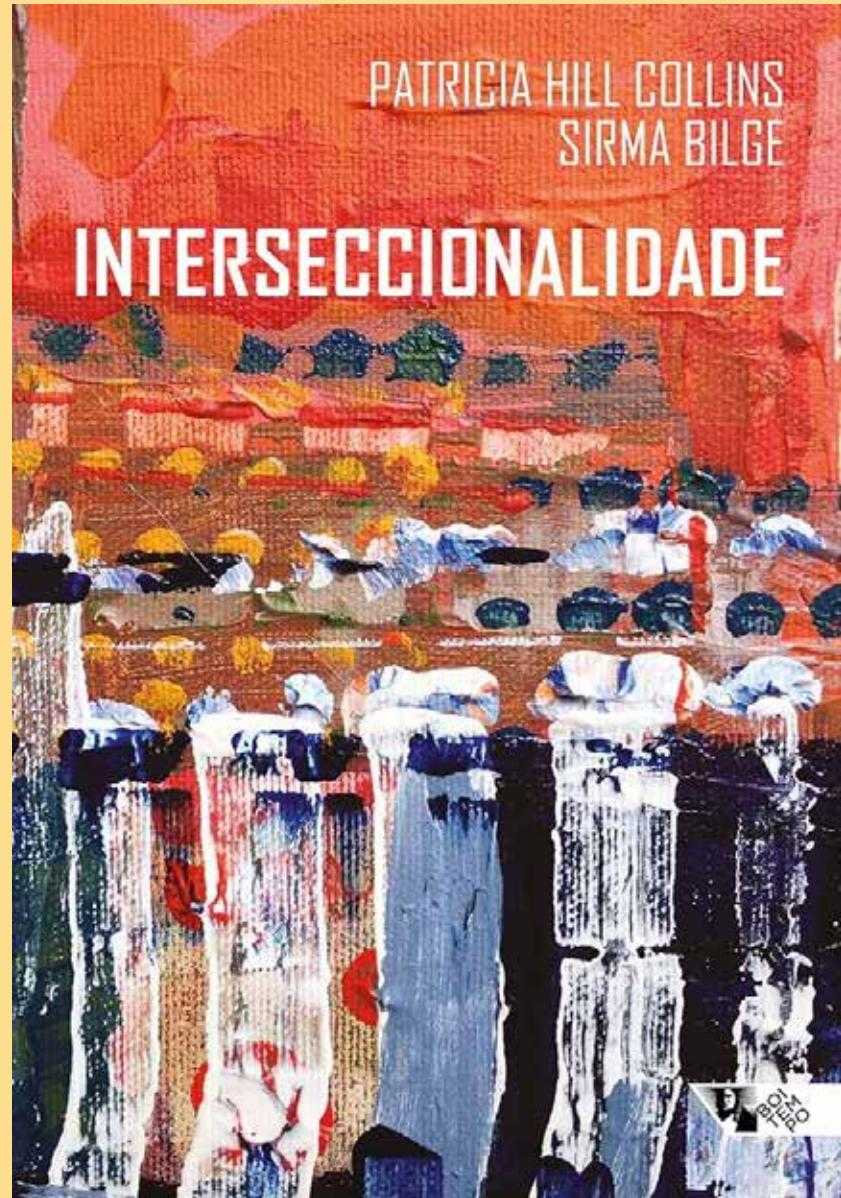
PARA SABER MAIS:

PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo comunitario**, 05 abr. 2025. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=MVGZdRwDZ6c>.
Acesso em: 15 jan. 2025.



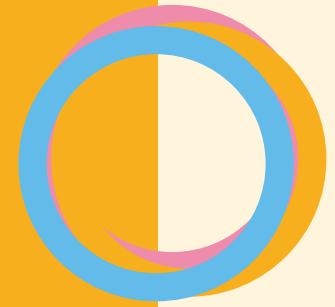
Interseccionalidade

A interseccionalidade é um campo do conhecimento e uma ferramenta analítica através da qual destacam-se as interações opressivas vivenciadas por grupos subalternizados em função do racismo, sexism, e das desigualdades socioeconômicas estruturantes do sistema capitalista. O vislumbre interseccional dessas vivências nos informa das particularidades subjetivas e, por conseguinte, da heterogeneidade dos grupos oprimidos pelos padrões da colonialidade.



PARA SABER MAIS:

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.



Raça

Luiza Bairros em entrevista ao portal Geledés nos diz que “[...] falar de racismo sem raça seria muito difícil, pois quem cria a raça é o racismo. Por isso, a palavra raça, embora seja contestada na biologia, está sendo usada como uma construção social.”

Essa frase condensa muito do que pensamos sobre raça e sua importância enquanto categoria analítica da realidade, uma vez que se faz presente nas relações sociais, sendo definidora ou condutora das dinâmicas de poder apresentadas na sociedade, como nos informa Gloria Ladson-Billings. Sendo assim, não haveria caminho para o enfrentamento do racismo sem o entendimento crítico das razões da incorporação da raça enquanto marcador social da diferença.

01/10/2016

Assim falou Luiza Bairros

ENVIADO POR / FONTE | Por Fernanda Pompeu em seu Blog



AFRO-BRASILEIROS E SUAS LUTAS | MULHER NEGRA

PARA SABER MAIS:

Entrevista: Assim falou Luiza Bairros (2016)

<https://www.geledes.org.br/assim-falou-luiza-bairros/>

12. Outras Atividades Possíveis

Mapa de Caminhos e Marcadores Sociais

Debate Caminhante

Atividade de Fechamento



Mapa de Caminhos e Marcadores Sociais

OBJETIVO

Refletir sobre os marcadores sociais da diferença e como eles se conectam nas identidades.

INSTRUÇÕES

Em pequenos grupos, os alunos irão criar um "mapa de caminhos" onde identificarão diferentes marcadores sociais da diferença (como raça, classe, gênero, etc.). Cada grupo pode escolher uma área ou tema específico (por exemplo, "O Caminho da Mulher Negra", "O Caminho de uma Pessoa LGBTQIA+").

-  **Usando papéis, canetas coloridas e outros materiais, eles desenharão o "caminho" que representa as diferentes interações desses marcadores na vida das pessoas, destacando os desafios e oportunidades ao longo do percurso.**

METODOLOGIA ATIVA

Aprendizagem colaborativa,
pensamento visual e expressão
criativa.

DURAÇÃO

30 a 40 minutos

RESULTADO ESPERADO

Cada grupo apresentará seu mapa e explicará como os marcadores sociais se interconectam, proporcionando uma compreensão visual da interseccionalidade.

Debate Caminhante: O Impacto dos Marcadores Sociais na Vida Real

OBJETIVO

Explorar as implicações práticas dos conceitos de gênero, sexualidade e marcadores sociais, fomentando o pensamento crítico.

INSTRUÇÕES

Os alunos se dividem em dois grupos e participam de um "debate caminhante". Em vez de apenas debater em um local fixo, o debate acontece enquanto eles caminham por diferentes estações preparadas na sala ou no ambiente escolar. Cada estação terá uma pergunta provocativa relacionada aos temas de gênero, sexualidade e interseccionalidade.

Usando papéis, canetas coloridas e outros materiais, eles desenharão o "caminho" que representa as diferentes interações desses marcadores na vida das pessoas, destacando os desafios e oportunidades ao longo do percurso.

Após discutirem as questões em pequenos grupos, eles caminham para a próxima estação para abordar uma nova pergunta.

METODOLOGIA ATIVA

Aprendizagem baseada em debate, movimento e reflexão crítica.

DURAÇÃO

20 a 30 minutos

RESULTADO ESPERADO

Ao final da atividade, os alunos terão explorado diferentes aspectos da interseccionalidade de maneira dinâmica e com múltiplas perspectivas, além de promoverem o pensamento crítico sobre os temas abordados.

Essas atividades promovem a colaboração, o engajamento e a reflexão ativa sobre as questões centrais da interseccionalidade.

Atividade de Fechamento: "Caminhos Entrelaçados – Representando a Interseccionalidade"

OBJETIVO

Consolidar o entendimento da interseccionalidade, permitindo que os alunos expressem suas reflexões através da arte ou da escrita, como um produto final da sequência didática.

INSTRUÇÕES

Os alunos devem criar um produto artístico (desenho, gravura, colagem, pintura, cartaz ou um texto) que represente a ideia de interseccionalidade, incorporando os marcadores sociais da diferença (raça, classe, gênero, sexualidade, etc.) e como esses fatores se entrelaçam nas identidades das

pessoas. A produção pode ser individual ou em grupos, dependendo da dinâmica da turma.

Opção 1 - Arte Visual

Os alunos podem criar um desenho ou uma colagem que mostre como diferentes caminhos (simbolizando os marcadores sociais) se cruzam e formam uma identidade única, representando as experiências e desafios das pessoas.

Opção 2 - Texto

Os alunos podem escrever uma narrativa, poema ou um texto reflexivo sobre um "caminho de vida" que explore as interseções entre diferentes marcadores sociais e como isso impacta as pessoas no cotidiano.

Opção 3 - Cartaz ou Pôster

Criar um cartaz que une elementos gráficos e textuais para ilustrar como a interseccionalidade influencia a sociedade. Pode incluir frases inspiradoras, conceitos aprendidos nas aulas e representações visuais dos diferentes caminhos que as pessoas percorrem.

METODOLOGIA ATIVA

Através da arte ou da escrita, os alunos sintetizam o que aprenderam e refletem sobre as complexas realidades da interseccionalidade.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

A atividade permite observar a capacidade dos alunos de integrar os conceitos discutidos nas aulas e expressá-los de forma pessoal e criativa.

DURAÇÃO

- Aproximadamente 1 a 2 aulas para a produção do trabalho (dependendo da complexidade e do tempo disponível).
- 15 a 20 minutos para a apresentação dos trabalhos.

RESULTADO ESPERADO

Os alunos apresentarão suas produções artísticas ou textos para a turma, explicando o significado e as escolhas feitas em suas representações. Durante a apresentação, devem refletir sobre como os marcadores sociais interagem e se cruzam nas experiências individuais.

Produto final: Uma exposição das produções artísticas ou uma coleção de textos que reflitam a compreensão de cada aluno sobre a interseccionalidade, mostrando sua capacidade de analisar e conectar os conceitos discutidos.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita com base na reflexão crítica e na profundidade do entendimento demonstrado na produção do trabalho. Além disso, serão observados aspectos como criatividade, clareza na comunicação dos conceitos de interseccionalidade e a capacidade de integrar as discussões realizadas nas aulas.

Essa atividade de fechamento não só permite uma avaliação mais holística do aprendizado, mas também engaja os alunos em uma experiência significativa e pessoal, promovendo uma reflexão duradoura sobre o tema da interseccionalidade.

12. Epílogo

Esta sequência didática busca criar um espaço de aprendizado colaborativo e reflexivo, utilizando metodologias ativas para envolver os alunos na construção do conhecimento. A utilização de redes sociais e exemplos contemporâneos visa aproximar o conteúdo das realidades dos alunos, tornando as discussões sobre diversidade, gênero e sexualidade mais acessíveis e significativas para essa faixa etária.



Conforme nossa proposta inicial, esta Sequência Didática deve ser adaptada aos diversos cotidianos escolares, afinal, seu objetivo maior é a promoção de diálogos sobre temas complexos e presentes no cotidiano brasileiro.

Nessa perspectiva, a identificação e o escrutínio dos problemas sociais servem para fomentar os movimentos de cura de feridas profundas ocasionadas pelas violências sistemáticas direcionadas a mulheres, pessoas negras, pessoas transgêneras, pessoas não-heterosexuais, PCDs e outros corpos dissidentes dos padrões colonialistas.

Por fim, nosso intuito com este material é o de colaborar, mesmo que humildemente, com a conquista da equidade social, com a valorização das ancestralidades brasileiras, e com o fomento do pensamento crítico e autônomo sobre a realidade e as possibilidades de avanço social.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Dayane N. Conceição. Interseccionalidades. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

BAIRROS, Luiza. Assim falou Luiza Bairros. [Entrevista concedida a] Fernanda Pompeu. Portal Geledés, out. 2016.

BALLESTRIN, Luciana. Feminismos subalternos. Revista Estudos Feministas, v. 28, n. 1, 2020.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. A vida psíquica do poder: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia – Angela Davis. Conferência realizada no dia 13 de dezembro de 1997, em São Luís (MA), na JORNADA CULTURAL LÉLIA GONZALES, 1. Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-umanova-utopia-angela-davis>. Acesso: 12 mar. 2025.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, (jan./jun.), 1988. Disponível em:
<https://l1nq.com/A-categoria-politico-cultural-de-ameficanidade>. Acesso em: 13 mai. 2024.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada. São Paulo: Ática, 2014.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma educação inovadora. In: BACICH, Lilian; MORAN, José. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

PAREDES, Julieta. Hilando fino desde el feminismo comunitario, 05 abr. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MVGZdRwDZ6c>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PAULINO, Rosana. Rosana Paulino, 2025a. Obras/ Bastidores. Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5> Acesso em: 10 jul. 25.

PAULINO, Rosana. Rosana Paulino, 2025b. Obras/ Bastidores. Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5> Acesso em: 10 jul. 25.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIEDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2017.

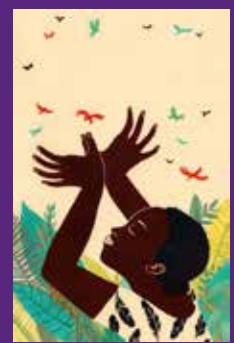
PIMENTEL, Silvia; BIANCHINI, Alice. Feminismo(s). São Paulo: Matrioska, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SMITH, Barbara. Racism and women's studies. Frontier: A Journal of Women's Studies, Lincoln, NE, v. 5, n. 1, p. 48-49, 1979. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3346304?origin=crossref>. Acesso em: 26 jun. 2024.

TIBURI, Marcia. Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo. Rio de Janeiro: Record, 2020.

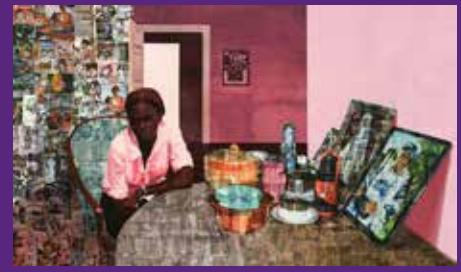
CRÉDITOS DAS IMAGENS



PEZ, Ana. Blessing sin, s.d. Ilustração. Disponível em: <https://entrelapisepeinceis.blogspot.com/2017/04/ana-pez.html>. Acesso em: 03 ago. 2025.



HOLMES, Ekua. City Circles, s.d. Mix Arts. Disponível em: <https://www.rmichelson.com/illustration/ekua-holmes/fine-art-prints/city-circles-15x20/>. Acesso em: 03 ago. 2025.



CROSBY, Njideka Akunyili. Before Now After (Mama, Mummy and Mamma), 2015. Collection of the artist; courtesy Victoria Miro, London. Disponível em: <https://whitney.org/exhibitions/njideka-akunyili-crosby>. Acesso em: 03 ago. 2025.



PAULINO, Rosana. Gêmeas (da série Senhora das Plantas), 2023. Grafite, acrílica e pigmento natural sobre tela 215 x 160 cm. Disponível em: <https://bravo.abril.com.br/arte/artista-rosana-paulino-premio-do-museu-munch/>. Acesso em: 03 ago. 2025.



SANCHÉZ, Mónica. s.t., 2024. Ilustração. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DHFb_vyu2I7/?locale=pt_PT&hl=en&img_index=2. Acesso em: 04 ago. 2025.